

**A INTERNET NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO:
A IMPORTÂNCIA DAS MEDIAÇÕES**

CARLOS EDUARDO DUARTE PEINADO

Presidente Prudente-SP

2007

**A INTERNET NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO:
A IMPORTÂNCIA DAS MEDIAÇÕES**

CARLOS EDUARDO DUARTE PEINADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação -Área de concentração: Formação do Educador

Orientador:
Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz

Presidente Prudente-SP

2007

371.33
P377i

Peinado, Carlos Eduardo Duarte

A Internet na construção do conhecimento: a importância das mediações / Carlos Eduardo Duarte Peinado. -- Presidente Prudente: [s. n.], 2007.
131 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) –
Universidade do Oeste Paulista –
UNOESTE, Presidente Prudente, SP, 2007.
Bibliografia

1. Internet (Redes de computação) 2. Internet na educação. 3. Inovações educacionais. 4. Ensino auxiliado por computador. 5. Aprendizagem. I. Título.

CARLOS EDUARDO DUARTE PEINADO

**A INTERNET NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO:
A IMPORTÂNCIA DAS MEDIAÇÕES**

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 8 de novembro 2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz
Universidade do Oeste Paulista

Prof^a. Dr^a. Luzia Mitsue Yamashita Deliberador
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Dr^a. Raimunda Abou Gebran
Universidade do Oeste Paulista

"Um indivíduo consegue hoje um diploma de curso superior sem nunca ter aprendido a comunicar-se, a resolver conflitos, a saber, o que fazer com a raiva e outros sentimentos negativos".

Carl Rogers

"É fazendo que se aprende a fazer aquilo que se deve aprender a fazer".

Aristóteles

Dedico este trabalho a minha mãe Alda e ao meu pai Fair (em memória), pelo esforço em educar-me dentro de um ambiente de paz, carinho e alegria.

Aos meus irmãos Julio, Mônica e Fair Gilberto (em memória), pela confiança, amizade e exemplo de perseverança.

A minha esposa, Moira que, em todos os momentos de realização desta pesquisa, esteve presente e aos meus filhos Geórgia e Tomás, que me ensinam todos os dias a dinâmica da educação e a inspiração a continuar em busca de novas realizações.

Aos alunos participantes da pesquisa e aos amigos e alunos da ANPR, pelos ensinamentos e felicidade que compartilhamos juntos.

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador, Dr. Adriano Rodrigues Ruiz que, com seu jeito sereno, soube sempre na grandeza de seus conhecimentos buscar uma palavra simples de estímulo e com isto contribuiu para esta conquista e, ainda, na ampliação de minha visão de mundo e conhecimentos.

A mim ensinou-me tudo.

Ensinou-me a olhar para as cousas.

Aponta-me todas as cousas que há nas flores.

Mostra-me como as pedras são engraçadas,

Quando a gente as tem na mão,

E olha devagar para elas.

Fernando Pessoa

RESUMO

A Internet na construção do conhecimento: a importância das mediações

O objetivo deste trabalho é contribuir para o aperfeiçoamento de procedimentos de ensino/aprendizagem dentro do conceito de comunicação do educador Paulo Freire. O estudo desenvolveu-se por meio de pesquisa centrada aos alunos do curso de Administração de Empresas em uma instituição particular de ensino de Maringá, no Estado do Paraná, verificando a relação professor e aluno, quando mediatizados pela Internet. Meio este que nos últimos anos ganhou representatividade acadêmica enquanto fonte de informação e interatividade, tornando-se importante sua discussão no processo de desenvolvimento de alunos e professores. O estudo partiu da análise da comunicação como “campo do conhecimento” ou a educação para os meios e, ainda, a educação através dos meios; a relação entre a mídia e o sujeito – internauta, a relação entre ensino, pesquisa e informação e a utilização de recursos didático-pedagógicos na construção do conhecimento. Os resultados expressam uma preocupação dos alunos com a qualidade do que é pesquisado na internet e a forma como organizam seus trabalhos de pesquisa. A internet é apontada como o principal meio utilizado em suas pesquisas acadêmicas pela ‘facilidade’ com que conseguem se informar.

Palavras-chave: Educomunicação. Tecnologia. Ensino-aprendizagem. Superior. Mediações. Conhecimento.

ABSTRACT

The internet in the built of knowledge: the importance of mediations

The main aim of this research is at contributing to the improvement of teaching learning process based on the educator's communication concepts by Paulo Freire. This study was developed through an investigation limited to the Business Administration students from a private educational institution, in Maringa, Parana State, Brazil. It focused on verifying the dialogical relation between teacher and student when mediated by the internet. In the latest years, it has gained an academic representation as a source of information and interactivity, becoming an important discussion in the developing process of students and teachers. This proposal originated from the analysis of the communication as a "field of knowledge" or the education for the media and the education through the media; the relation between the media and the student in question – the internet user; the relation among teaching, research and information, and the use of didactic pedagogical resources in knowledge construction process.

Key-words: Educommunication. Technology. Learning. Major education. Knowledge.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1	Ação Docente no Ensino Superior e a Internet	14
2.1.1	Educação	16
2.1.2	Profissão: professor	17
2.2	Relação Escola-Internet na Construção do Conhecimento	25
2.3	O Diálogo Professor-Aluno em Paulo Freire	36
2.4	A Educomunicação e as Novas Tecnologias	43
3	PERCURSO METODOLÓGICO	50
3.1	Objetivos	51
3.1.1	Objetivo geral	51
3.1.2	Objetivos específicos	51
3.2	Delineamento da Pesquisa	51
3.3	Metodologia	53
3.4	Os Participantes da Pesquisa	54
3.5	Procedimentos de Coleta de Dados	55
4	DIÁLOGO COM ALUNOS SOBRE INTERNET	57
4.1	Diálogo Inicial	57
4.2	A Conclusão do Diálogo	71
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
5.1	Recomendações	101
5.2	Sugestões	104
	REFERÊNCIAS	109
	APÊNDICE	116
	APÊNDICE 1 – Questionário	117
	ANEXOS	121
	ANEXO 1 – Modelo para ser Utilizado por Professores Na Avaliação de Documentos da Web	122
	ANEXO 2 – Bibliotecas Virtuais	126

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Freqüência de leitura de jornais	58
TABELA 2 -	Freqüência de leitura de livros	59
TABELA 3 -	Gênero literário apreciado	61
TABELA 4 -	Leitura de revistas	63
TABELA 5 -	Hábito de ir ao cinema	64
TABELA 6 -	Utilização do computador	65
TABELA 7 -	Tempo de utilização de Internet por semana	66
TABELA 8 -	Sites de preferência dos alunos	67
TABELA 9 -	Meios utilizados pelos alunos em suas pesquisas acadêmicas	69
TABELA 10 -	Propostas dos alunos para melhorias no curso	70
TABELA 11 -	Idade dos entrevistados	72

1 INTRODUÇÃO

Há muito a educação convive com os mais variados meios de comunicação, destacando-se a predominância da televisão nos debates por diversas décadas. Apesar de a educação envolver os alunos desde idade bem tenra, no ensino fundamental, ou mesmo antes, na educação infantil, a força da comunicação de massa se faz presente antes da criança atingir a idade escolar, no seio da família. A esse respeito, Baccega (2003) afirma que as tecnologias servem para ampliar a comunicação primeira, ou seja, aquela que se dá por meio do aparelho fonador, utilizando-se, fundamentalmente, da linguagem: código verbal (língua) e não verbal (gestos, por exemplo).

Com a introdução dos computadores, a escola passa por um novo estágio tecnológico em que se percebe uma discussão sobre sua importância. São tempos de novas tecnologias utilizadas no processo de educação e presentes nos diversos cursos, envolvendo todas as idades, desde a infância até a vida adulta na universidade.

A Internet iniciou seu percurso no Brasil em 1995, quando chegaram seus primeiros serviços. Como evidência de sua rápida propagação, Rizzo (2001, p. 44) afirma que “a rede criada em 1969 com objetivos militares, hoje, atinge mais de 200 milhões de pessoas”, números estes que, conforme ampla divulgação do Ministério da Ciência e Tecnologia (2007), “atingiu no final de 2006, 20 milhões de residências no Brasil”.

Aos alunos é disponibilizada essa tecnologia desde a infância, enquanto os professores procuram se adaptar ao uso da mesma, uns rapidamente, outros de forma mais lenta, mas todos precisam se relacionar com essa nova forma de comunicação, de diálogo e interação entre o real e o virtual.

Com isso ganham força perguntas como: Os computadores estão contribuindo para a aprendizagem? Qual a importância dessa nova tecnologia nas salas de aula?

A presente pesquisa aborda a importância da comunicação na construção do conhecimento e como ela se desenvolve no processo de ensino-aprendizagem. A investigação é de natureza exploratória, trata-se estudo de caso e como estratégia recorreu-se a entrevistas com alunos do curso de Administração de Empresas, com ênfase em marketing, de uma instituição de ensino superior privada.

Algumas das questões que nortearam este estudo se relacionam à construção do conhecimento com apoio de tecnologias de informação e de comunicação, mais especificamente, pesquisas acadêmicas via Internet, assim como, refletir sobre o papel do professor.

O foco está no universo de comunicação que envolve jovens universitários e professores do ensino superior, cada qual, vivenciando momentos distintos de suas vidas em uma sociedade virtualmente comprometida com o tempo como medida de tudo que envolve o ser humano.

Para Baccega (2003), a educação é, fundamentalmente, um processo de comunicação, de interação, de relação entre pessoas. Os problemas fundamentais da educação não são tanto os da formação dos professores, os econômicos, de falta de recursos ou baixos salários – embora todos reais, mas de falta de comunicação real entre os parceiros educacionais. O processo é percebido por todos como amarrado, fechado, autoritário, pouco participativo, unidirecional. O discurso participativo, liberal, não correspondente à prática controladora, rígida.

Relembrando Paulo Freire (1977) a educação constitui um processo de comunicação, de interação e, conseqüentemente, de contradições. Muitas vezes, percebe-se que há um distanciamento entre a linguagem dos jovens e a dos professores. No mundo atual, os jovens estão, profundamente, ligados aos mais diversos meios de comunicação.

Em conseqüência, cabe ao professor discutir o processo de que informação e conhecimento são, conceitualmente, distintos. Nesse sentido, a cultura midiática poderá ser entendida como outra forma de educação, na qual professores e educadores se prepararam para a discussão de temas que envolvem interesses e comportamentos de grupos distintos.

Ao final desta pesquisa procuraremos tecer uma análise da relação professor/aluno no ensino superior, quando mediatizados pela internet e como o aluno utiliza-se desta ferramenta de pesquisa neste momento em que mundo virtual e mundo real se relacionam e se complementam. Organizando-se um mosaico de idéias que sejam úteis aos professores, entendendo seu papel no mundo de novas tecnologias para ampliar a discussão sobre o tema, sabendo-se da limitação deste estudo.

O presente trabalho está estruturado em cinco títulos. Após a introdução, apresenta-se a pesquisa bibliográfica, que contribuiu para o aprofundamento teórico e metodológico, apresentando uma reflexão inicial sobre os novos tempos, as novas tecnologias e como estas se relacionam com a ação docente. Esta parte está dividida em três subitens: o inicial, que se caracteriza pela abordagem da questão escolar atual, considerando as inovações tecnológicas e a nova realidade social; a seguir, discute-se a relação escola-internet na construção do conhecimento e o processo de aprendizagem neste contexto; concluindo, aborda-se o diálogo professor-aluno em Paulo Freire, enfatizando a educação problematizadora e a essência do diálogo.

Na seqüência, é apresentado o percurso metodológico, que retrata a natureza da pesquisa, um estudo de caso qualitativo e com caráter exploratório. O título seguinte descreve o estudo de caso, seguido da operacionalização da pesquisa em duas fases distintas, sua aplicação, análise e apresentação dos resultados. Finalmente, são apresentadas as conclusões da pesquisa e as considerações finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Ação Docente no Ensino Superior e a Internet

Sendo o professor a grande figura de qualquer sistema educacional e, devido à importância dessa função, é preciso antes de tudo, que qualquer pessoa que pretenda ingressar no magistério tenha motivação para tal e, em seguida, desenvolva as habilidades necessárias.

A escola de hoje exige cada vez mais que o professor estimule o aluno a aprender. O mundo contemporâneo trouxe novas concepções sobre a educação, revisões e atualizações nas teorias de desenvolvimento e aprendizagem, impacto da tecnologia da informação e da comunicação sobre os processos de ensino e de aprendizagem, metodologias, técnicas e materiais de apoio, delineando um cenário educacional, para o qual os professores não foram, nem estão sendo preparados.

Muitos professores rejeitam novas tecnologias, contribuindo para aumentar o abismo entre o que a universidade forma e a realidade. A tecnologia está aí, disponível para professores e alunos, proporcionando um novo ambiente, uma nova linguagem, que precisa ser decifrada para que aconteça a educação.

De acordo com Lucena e Fuks (2000, p. 19):

Existe uma associação do conceito de tecnologia ao moderno, ao novo e, em particular, às máquinas eletromecânicas e agora às máquinas de informática. Mas, tecnologia existe em qualquer atividade humana. A escola sempre utilizou uma tecnologia que aparece na organização do espaço escolar, na sala de aula, nos instrumentos de trabalho (quadro-negro, giz, livros, apostilas, cadernos, borrões, mimeógrafos, retroprojetores, etc.) e no privilégio da palavra e da escrita como elemento constituinte de significados.

Compartilhamos do pensamento de que a discussão sobre o tema tecnologia e educação deva partir de um projeto amplo dentro das

escolas em todos os níveis, de um projeto unindo o ambiente tecnológico à prática pedagógica, como descrevem Lucena e Fuks (2000, p. 20):

A tecnologia educativa não pode estar desligada da teoria da educação que envolve várias ciências. A tecnologia, como prática usada no ensino, é fruto de uma proposta político-pedagógica respaldada por conceitos que são o lastro dessa proposta. Ou seja, tanto faz o quanto de giz ou a Web, a tecnologia usada há de ser referendada para poder fazer sentido. A técnica, por si só, não forma nem o professor nem o aluno.

Diante desse quadro, procurar-se-á fazer algumas reflexões sobre a educação, em que a relação aluno-professor seja baseada no respeito e no compromisso desse profissional com o desenvolvimento não apenas cultural do aluno, mas também, emocional, psicológico e social. Concorda-se com Paulo Freire (1980, p.26) quando diz que a: “conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência-mundo”.

Considera-se ser este o momento próprio para ampliar a discussão sobre novas metodologias de ensino, sem perder o caráter crítico, convidando para o debate todos educadores, ou mesmo outros profissionais de educação, para contribuir e participar neste momento de possíveis transformações.

Sobre conscientização, Paulo Freire (1980, p. 27) estabelece uma relação interessante com utopia, que remete ao caráter idealista do educador: a “conscientização nos convida a assumir uma posição utópica frente ao mundo, posição esta que converte o conscientizado em ‘fator utópico’”.

É uma tarefa árdua, mas não impossível, a que estamos todos envolvidos nestes novos tempos, de virtualização, da rapidez nas relações e falta de aprofundamento para a obtenção do conhecimento.

Nesse sentido, Paulo Freire (1980, p. 27), ainda propõe:

Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico.

Entende-se que o compromisso histórico dos educadores seja questionar urgentemente a realidade tecnológica que vivemos como um exercício permanente de aprender com o novo e de forma ética, conhecê-lo, julgá-lo, questioná-lo e, a partir disso, incorporá-lo ou não à sua prática pedagógica.

A evolução tecnológica deixa de ser mera coadjuvante na vida social, transformando a Internet no principal meio de informação e interatividade, despertando verdadeiro fascínio nas novas gerações.

Completando o raciocínio sobre a conscientização, Paulo Freire (1980, p. 28), afirma: “A utopia exige o conhecimento crítico. É um ato de conhecimento. Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la”.

O que remete Freire é o pensamento crítico que se deve ter com relação a esta nova realidade, em como adequar esses recursos tecnológicos à prática cotidiana de uma sala de aula de faculdade.

2.1.1 Educação

A educação está presente na vida dos seres humanos durante todo o tempo. Desde os primeiros grupos humanos de caçadores-coletores, passando pela civilização da Grécia Antiga, ou pelos astecas, pela sociedade medieval, até as nações contemporâneas, verifica-se que a educação está presente (SAVATER, 2000).

Para Brandão (1981), a “educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* (grifo do autor) dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. (grifo do autor)

De acordo com Moran (1998), em uma perspectiva ampla, educar implica ajudar a si mesmo e a outros a aprender a viver, em ajudá-los a desenvolver todas as habilidades de compreensão, emoção e comunicação, as quais lhes oportunizarão encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais, tornando-se pessoas e cidadãos realizados e produtivos.

Delors (1999) argumenta que a relação pedagógica visa o pleno desenvolvimento da personalidade do aluno no respeito pela sua autonomia. Nesse sentido, Weil (1997, p. 89-90) afirma que o “educador é aquele que ajuda [...] a desenvolver seus conhecimentos e sua personalidade a fim de integrá-la na sua comunidade da maneira mais completa possível, através da assimilação da nossa cultura”.

O objetivo da educação é completar a humanidade do aluno, sendo que tal humanidade não tem como se realizar abstratamente nem de modo genérico e, tampouco, consiste no cultivo de um germe latente em cada indivíduo, mas procura imprimir uma orientação social precisa: aquela que cada comunidade considera preferível (SAVATER, 2000).

Brandão (1981) completa lembrando que “a educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa”.

2.1.2 Profissão: professor

O magistério constituiu-se em profissão graças à intervenção do Estado, que substituiu a Igreja como entidade de tutela do ensino. Os professores, de acordo com Nóvoa (1992), constituem a voz dos novos dispositivos de escolarização e, por isso, o Estado não hesitou em criar as condições para a sua profissionalização.

O papel do docente, quando a educação passou para as mãos do Estado, tinha como característica básica o ajuste ou a articulação coerente entre a formação profissional recebida, os postulados da teoria pedagógica vigente e a prática dentro da instituição escolar. A escola chamada tradicional era paradoxalmente uma agência socializadora alternativa diante das agências realmente tradicionais como a família e a Igreja. Ela representava a difusão dos valores seculares e dos instrumentos culturais básicos para o acesso ao conhecimento. Nesse campo, o professor era um real “agente de mudança” diante da socialização externa; a didática tradicional colocava-o no centro do processo de aprendizagem e lhe outorgava a autoridade derivada da posse de um saber socialmente legítimo (TEDESCO, 1995).

A construção do saber, o aprender a aprender e o aprender a ser fazem parte de um processo em que o aluno é ativo, o professor é animador, a avaliação ocorre em processo e o cidadão é construído na vivência com liberdade e responsabilidade.

A questão da educação, no Brasil de hoje, tem sido muito debatida. Observa-se a procura de novos rumos para este debate neste momento, dada a importância que a internet e outros meios vêm tomando em nossas vidas.

Ensinar é por a mão no que há de mais vital no ser humano, é tentar ter acesso ao que há de mais sensível e de mais íntimo da integridade de uma criança ou de um adulto.

Bons professores afastam-se das normas, dos rótulos e aparecem como fomentadores da alma humana, conscientes de suas atribuições e de suas responsabilidades, valorizando o desenvolvimento intelectual e psicológico de cada aluno. Para Pimentel (1993, p. 75), as “concepções de conhecimento, ciência e ensino fazem parte da concepção de vida e mundo construídos pelos professores em sua trajetória”.

O professorado já não recebe mais a mesma consideração que recebia há cinquenta anos. E encontramos professores que estão na sala de

aula, mas numa ilusória situação de transição, esperando mudar de emprego. A esse respeito, Candau (1997, p. 32) afirma:

As dificuldades de se penetrar no mercado de trabalho e as próprias condições de trabalho e remuneração do magistério fazem com que se acentue seu caráter de atividade marginal ou provisória, até ser encontrado um trabalho que ofereça melhores condições de exercício e desenvolvimento profissional. Neste contexto, mais que uma opção, o magistério é para muitos uma contingência e os cursos de licenciatura uma possibilidade, na maioria das vezes mais fácil, de obter um diploma universitário.

Com esse sentimento de trabalho “provisório”, pode-se imaginar como se relacionam com os alunos: o que ocorre em sala não é problema deles, já que estão ali de passagem. Não se comprometem, não se envolvem, justificam seus fracassos a partir da responsabilidade dos outros. Se tem algum aluno-problema, seja por baixo aproveitamento ou por indisciplina, não o encaram como um desafio pedagógico, mas sim como um aborrecimento. Entendem que o que devem fazer é simplesmente dar sua aula, do jeito que sempre deram, e os alunos que acompanhem. Tais professores julgam que o problema esteja no aluno, na família, na escola, no sistema. Falam dele como um ser já formado, apático, dispersivo, sem controle das emoções e de si.

Assim, a questão a ser colocada é que o professor que quer ser efetivamente professor tem que trabalhar com a realidade que se apresenta; não adianta ficar se lamuriando, jogando a culpa aqui e acolá. São esses os alunos que tem e com eles é que tem que trabalhar; é essa a escola e é esse o país.

O ponto de partida está na realidade. O professor tem que ser sujeito ativo da história pedagógica de sua classe e de sua escola, pois só se pode transformar a realidade a partir do momento em que se assume a existente. Para tanto, ele precisa resgatar o seu papel dentro de uma nova concepção de educação. A educação escolar tem seu núcleo na formação do ser humano; o sujeito não se forma sozinho, precisa de interação com o outro para vir a ser pessoa, daí nosso desenvolvimento enquanto seres sociais. É de fundamental importância o professor entender que seu papel é

legitimado socialmente, uma vez que tem a função de formar as novas gerações.

Falando em particular do professor do ensino superior, é preciso repensar a questão do docente, pois grande parte deles não passa pela licenciatura e utilizando-se de técnicas de ensino conteudistas, centrada na figura do professor, valoriza a passividade dos alunos e a disciplina. É preciso repensar os currículos dos cursos de licenciatura e reformulá-los neste novo contexto.

Para Gómez (2006, p. 375) “A escola precisa começar a ver que fora dela há uma série de situações e fenômenos novos dos quais poderia participar contribuindo com todo seu potencial educativo e reflexivo”. É verdade que os professores em exercício tiveram uma formação voltada para o individualismo, para o tecnicismo, mas chegou o momento de mudar. Os efeitos da globalização e do avanço dos meios de comunicação estão presentes e influenciando todos os educandos. Somos consumidores, leitores, ouvintes, telespectadores e internautas e nesse novo mundo tecnológico fazemos parte de uma revolução que tem tudo a ver com o dia-a-dia da escola e pode ser resumida em uma palavra: informação.

Ao se pensar em computadores, segundo Lucena (1997) “não significa pensar na máquina e sim na Educação”. E, conclui:

A tecnologia educacional não se reduz à utilização de meios. Ela precisa ser um instrumento mediador entre o homem e o mundo, entre o homem e a Educação, considerada como uma ferramenta através da qual professores e alunos se apropriam de um saber, redescobrimo e reconstruindo o conhecimento.

Perrenoud (2000, p. 127) questiona:

Que espaço conceder às novas tecnologias quando não se visa ensiná-las como tal? São elas simplesmente recursos, instrumentos de trabalho como o quadro negro? Espera-se de seu uso uma forma de familiarização, transferível a outros contextos?

A vida escolar precisa adaptar-se à velocidade dos tempos da “era da informação”. Aqui, a ação do professor não é mais ordenar uma fila

de perguntas, mas colocar as perguntas entre os alunos e dos alunos para o professor na velocidade possível, garantindo uma reflexão de todo o grupo.

Tome-se, por exemplo, o que afirma Werneck (1997, p. 20):

O criador do videogame tem o interesse de criar um jogo para ser vendido a um grupo cada vez maior de clientes. É de intrigar mesmo porque a escola às vezes é o oposto, ela cria uma dificuldade através de seus programas que impede ao educando de ultrapassá-los; então ele abandona a escola e a escola ainda fica imbecilmente feliz pensando ter cumprido sua missão. Se fosse um balcão de loja ela estaria falida.

Não é possível ser professor sem que se esteja capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos da disciplina. Mas, por outro lado, também não se pode reduzir a prática docente apenas ao ensino daqueles conteúdos, pois esse constitui só um momento da atividade pedagógica. Tão importante como ensiná-lo é o testemunho ético ao fazê-lo; é a preparação científica revelada com humildade; é o respeito ao educando, a seu saber de “experiência feita”. (FREIRE, 1996).

Na mesma linha, Moran (1998, p. 163) entende que a educação precisa de pessoas que sejam competentes em determinadas áreas de conhecimento, em comunicar esse conteúdo aos alunos, mas também que “saibam interagir de forma mais rica, profunda, vivencial, facilitando a compreensão e a prática de formas autênticas de viver, de sentir, de aprender, de comunicar-se”. A educação permite que se ajude através de um clima de confiança, interações pessoais e grupais, que sejam ultrapassados os conteúdos e se permita construir um referencial rico de conhecimento, de emoções e de prática.

De acordo com Moran (1998), educar é propiciar, apoiar, facilitar espaços físicos psicológicos e comunicacionais que favoreçam o “desarmamento” do educando, que o predisponham à colaboração, à pesquisa e à autonomia.

Embora as tecnologias tragam dados de forma rápida e atraente, ainda compete ao professor auxiliar o educando a interpretar

esses dados, relacioná-los, contextualizá-los, ou seja, transformá-los em conhecimento (MORAN, 1998).

Na era da informação, verifica-se que a escola, de maneira geral, tem mantido inalterada uma organização do espaço e do tempo pedagógico, apesar das inovações tecnológicas. Estamos falando também da organização das salas de aulas como espaço físico, que inibem a discussão e, portanto, a crítica. O relacionamento entre alunos e professores se expande para além da sala de aula, em um tempo que supera o momento de aula. Há um outro tempo e espaço - real e virtual - que devemos considerar. Nesse contexto, a tecnologia tem papel preponderante e, uma vez conhecida, torna-se uma aliada da educação.

É preciso reinventar o conceito de educação, a partir do conceito de educação permanente, o que significa valorizar a pesquisa, processos não-formais de educação, articular a educação de adultos e crianças, inserir socialmente a ação especificamente escolar. (CANÁRIO, 2000).

Importante destacar que a evolução tecnológica iniciada com a televisão, chegando agora à Internet, ao mesmo tempo em que dá a impressão de global, separa os seres humanos. A grande quantidade de informações geradas, antes de chegar a ser assimilada já é substituída por outra. Dessa forma, não basta ao professor indicar aos seus alunos a Internet como fonte de pesquisa. É preciso orientá-los (RIZZO, 2005).

Esse direcionamento não é importante apenas para tentar evitar o plágio. O aluno apresentar um trabalho obtido de forma cômoda, sem o processo de assimilação da informação e sem a sua intervenção não é apenas uma questão moral ou ética, se bem que esta constitui um valor inestimável para o bom convívio social. Vai além, pois torna o aluno um ser apático que simplesmente aceita todo e qualquer tipo de informação sem questionar a sua veracidade.

Se na educação denominada tradicional, o aluno não podia questionar as informações passadas pelo professor, sob pena de represália,

hoje, a tecnologia disponibiliza uma infinidade de informações que geram comodismo ao aluno. Essa é uma das preocupações desta pesquisa, o que se convencionou chamar, popularmente, de “Control C Control V”, em referência a habilidade de se copiar e colar qualquer texto ou imagem na internet.

Para Mota (2000), a solução para esse tipo de problema não está em detectar e comprovar a fraude, mas em aceitar explicitamente que a Internet é o campo de pesquisa privilegiado e colocar desafios aos alunos que envolvam a pesquisa em *sites* indicados sem deixar cobrar a interação dos alunos com o conteúdo pesquisado (RIZZO, 2005). Nesse aspecto, a presença do professor é insubstituível e resultados positivos só serão obtidos pela interação entre professor-aluno baseada no respeito e na dignidade humana.

Lévy (2001a, p.11) complementa:

Quando percebemos o mundo tal qual ele é como o melhor dos mundos possíveis, quando não há, portanto, mais a necessidade de imaginar uma perfeição que não existe senão em nossa pequena imaginação limitada, então, podemos começar a estudar seriamente o mundo real. Compreendendo-o, compreendemos a perfeição, isto é, o movimento de aperfeiçoamento dinâmico que o anima.

O cidadão tornou-se planetário, emergiu à superfície, por que tudo que era distante se tornou perto, o longe ficou compactado pelos meios de comunicação, os meios de transporte vencem o espaço físico e a comodidade de chegar mais rápido ficou possível. A tradução da nossa cultura e língua pouco importa, ela é reconhecida e traduzida de diversas formas, são códigos e sinais manifestos expressivos de diversos tons, músicas, produtos e lembranças. Desta forma, Lévy nos leva a refletir o que significa esta conexão de conceitos e assimilação quanto ao espaço.

Trazendo para a discussão, Lévy (2001a, p. 18) faz uma reflexão sobre a identidade humana nos tempos atuais:

Nossa identidade é cada vez mais problemática. Empregado? Marido? Mulher? Homem? Nada é simples. Tudo deve cada vez mais ser inventado. Não temos modelos. Somos os

primeiros a entrar em um espaço completamente novo. Entramos no futuro que inventamos percorrendo a passos largos nosso planeta.

Na transformação deste novo homem que surge conectado há uma imensidão de novidades e possibilidades a serem exploradas, estudadas, reconhecidas, utilizadas, fez surgir a problemática sobre si mesmo e o mundo que o rodeia. Essa complexidade notável o deixa meio perdido diante tantas possibilidades de ser, fazer, reconhecer e fluir por si mesmo que a combinação de internet no processo de pesquisa possibilita. O nosso novo homem se sente independente de si pelo mundo que o rodeia.

Os desafios da área da educação do mundo atual, em que a tecnologia disponibiliza informações em ritmo acelerado, aliados à desvalorização contínua do professor têm levado os alunos a ultrapassarem os limites da aceitação moral e ética, que fundamentam um convívio social adequado.

Na metamorfose deste novo homem que surge conectado há um universo de novidades e possibilidades a serem exploradas, estudadas, reconhecidas, utilizadas, surge a problemática sobre si mesmo e o mundo que o rodeia. Essa complexidade entre o mundo real e o virtual o deixa meio perdido, pois há tantas possibilidades de ser, fazer, reconhecer e fluir por si mesmo. O nosso novo homem se torna independente de si pelo mundo que o rodeia. Lévy (2001a, p.41) justifica dizendo que “as metamorfoses do espaço e do tempo – o retraimento e a aceleração que observamos por toda parte – são metamorfoses da consciência”.

Santos (apud MORAES, 2006, p. 1) afirma:

O triunfo da técnica, a onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção de palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos contribuem, juntos, para que a idéia de velocidade esteja presente em todos os espíritos e a sua utilização constitua uma espécie de tentação permanente. Ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude. Quanto aos demais não incluídos, é como se apenas fossem arrastados a participar incompletamente da produção da história.

Constata-se que, embora o contexto da era da informação apresente-se de forma um tanto quanto diferente daquele em que Paulo Freire (1987) denominou de educação “bancária”, o desafio continua atual, pois observa-se nos educandos a mesma apatia e ausência de espírito crítico tão necessário para que ocorra a humanização dos mesmos e o mesmo Freire completa:

O necessário é que, subordinado, embora, à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do “bancarismo”. (FREIRE, 1996, p.25)

Portanto, na concepção atual, o professor deve ser aquele que procura antes de tudo guiar, orientar, estimular, descobrir e canalizar os interesses do aluno. Para tanto, será necessário que esse profissional tenha sólida formação, busque manter-se atualizado constantemente e, adapte-se às mudanças que marcaram as últimas décadas. A aquisição da informação dependerá cada vez menos de cada um de nós, cidadãos, professores, pais. O papel principal dos educadores será o de contribuir para que os alunos consigam interpretar os dados, as informações, relacionando-os, contextualizando-os e, por fim, transformando esse volume de informações em conhecimento. O papel do educador terá mais importância como mediador, facilitador de todo o processo.

2.2 Relação Escola-Internet na Construção do Conhecimento

O desenvolvimento de novas tecnologias fez a humanidade entrar na era da comunicação universal. Ao abolir as distâncias, estas tecnologias contribuem para moldar a sociedade do futuro que, certamente, não corresponderá a nenhum modelo do passado.

As informações podem ser oferecidas a qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, em tempo real e atingindo as regiões mais

isoladas. Esta livre circulação de imagens e de palavras transformou tanto as relações internacionais quanto a compreensão do mundo pelas pessoas, constituindo-se em um dos grandes aceleradores da mundialização (DELORS et al., 1999).

Há muita discussão sobre a influência dos meios de comunicação sobre a educação, nesta questão, Baccega (2005, p. 151) argumenta:

Uma certa veneração, um respeito excessivo, praticamente uma reverência tem caracterizado a relação da sociedade com os meios. Percebe-se que há um certo temor com relação a eles, pois são vistos, em geral, como a encarnação do mal. E o tempo que dedicamos à reflexão sobre eles tem sido para maldizê-los, negá-los, transformá-los na bruxaria maior de nossos tempos, responsabilizando-os pelas mazelas da sociedade.

Entre os diversos equipamentos sofisticados, destaca-se a Internet, meio de comunicação que invade tanto os ambientes de trabalho quanto os espaços de lazer. Essa ferramenta se caracteriza por ser, simultaneamente, real e virtual, informação e contexto de interação, espaço (*site*) e tempo, “formando um conjunto que altera as próprias coordenadas espaço-temporais a que o homem social estava habituado” (SILVA, 2001 apud TONDATO; JACOB; TEMER, 2004, p. 1).

Entretanto, também existem os aspectos negativos, especialmente, para as populações que não foram preparadas com uma educação adequada, a hierarquizar, a interpretar e a criticar as informações recebidas. Nesse sentido, a educação tem um papel importante a desempenhar no entrecruzar de redes de comunicação (DELORS et al., 1999).

“Os meios eletrônicos respondem à sensibilidade dos jovens: são dinâmicos, rápidos”. Esses meios integram a linguagem visual, a falada, a do movimento, a musical, a escrita (na forma de legendas), de forma agradável, bonita, rápida e sintética. Além disso, atraem pela miscelânea de assuntos, de conteúdos (MORAN, 1993).

Nos meios eletrônicos, tanto a informação quanto a ficção mexem com o sentimento, emoções, forçando o desenvolvimento de uma nova forma de perceber, que se baseia no processamento rápido de múltiplas informações concretas, visuais, espaciais, com variáveis dinâmicas que interagem entre si. Os meios eletrônicos se apresentam de forma despretensiosa, não têm a intenção de ensinar, são voluntários, pois ninguém os obriga a vê-los e, ainda, afirmam que o conhecimento é fragmentado, precário, que muda a cada instante, que tudo é relativo e dinâmico (MORAN, 1993).

A escola, por sua vez, é “uma instituição social com a função específica de proporcionar aos indivíduos que a freqüentam o acesso ao conhecimento sistematizado, acumulado historicamente” (LOPES, 1996 p. 107). A escola, assim como outras instituições, quer educar os jovens a partir de uma perspectiva de mundo essencialista, de verdades intocáveis, definitivas, usando linguagens lineares, abstratas, lentas, com conteúdo e expressão distantes (MORAN, 1993).

Um dos objetivos da educação é “permitir que os seres humanos individuais, operem em seu pleno potencial, equipá-los com o sentido de oportunidade para utilizar sua perspicácia, suas habilidades, suas paixões de forma plena”. No entanto, também tem por função “reproduzir a cultura que a apóia – não apenas reproduzi-la, mas aumentar seus fins econômicos, políticos e culturais” (BRUNER, 2001).

Em concordância, Brandão (1981, p. 07) afirma:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

A educação e seus principais agentes históricos – professores e alunos – não têm como ficar de fora do processo contínuo de desenvolvimento social, como Tedesco (1995, p. 15) argumenta:

Crise e educação são dois termos que têm estado associados com frequência tão grande, e durante períodos tão longos, que se justifica o ceticismo com que muitos protagonistas do processo pedagógico reagem diante tanto dos reiterados projetos de reforma com que se tenta mudar a situação, quanto das análises críticas, por mais brilhantes e agudas que sejam.

A força dessa relação professor-aluno é apontada por Lopes (1996), por “exigir uma interação entre professores e alunos a dinâmica ensino-aprendizagem escolar envolve fatores afetivos e sociais”.

Tedesco (1995) reafirma a idéia de se pensar a educação como um processo contínuo, que deve se avaliar com a dinâmica do desenvolvimento social e, nesse contexto, é impossível desprezar os avanços tecnológicos. No último século, houve momentos de grandes avanços tecnológicos, primeiro com o rádio, depois a televisão e, agora, a Internet. A educação viveu nessas últimas décadas o conflito de discutir as influências midiáticas, principalmente, do ponto de vista da invasão televisiva, que numa sociedade moderna, “contribuiu” para a educação de mais de uma geração.

Quando a televisão mostra um cenário qualquer, junto dessa imagem vem toda uma significação, ou simbologia, para a semiótica. A imagem não requer nenhuma reflexão. Não percebemos que a cena é editada, ou seja, a informação contida nela tem certa relevância ideológica. Por isso, para as atuais gerações de estudantes de qualquer idade, é muito difícil prestar atenção a palavra, pois a imagem ‘fala’ mais fácil.

Nesses tempos de informação rápida, global, via satélite ou infovia, é necessária a convergência das disciplinas tradicionais para temas conjuntos, atuais, mais próximos da realidade dialógica para a educação que busca formar um cidadão crítico, como propôs Paulo Freire (1987, p. 59) ao discutir a importância da comunicação:

Comunicação (é) a co-participação dos sujeitos no ato de pensar [...] Implica uma reciprocidade que não pode ser rompida. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber,

mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

Paulo Freire foi um dos primeiros pensadores da educação a dar importância devida ao processo de comunicação. Para Baccega (2005), “não podemos esquecer que os meios de comunicação, com os avanços permitidos pela tecnologia, são constitutivos da cultura e servem de suporte à realidade contemporânea”.

Daí a importância de saber se comunicar, que Baccega (2005, p.153) define, como:

Comunicar é contar a alguém alguma coisa; é ouvir de alguém alguma coisa. Pressupõe, portanto, o diálogo. Nós só falamos, só contamos alguma coisa quando temos algum interesse em contar e/ou supomos haver interesse (ou queremos ‘criar’ esse interesse) da parte de quem ouve.

Portanto, ao professor é necessária a capacidade de se comunicar de modo adequado com o outro e de com ele estabelecer um diálogo rico e produtivo, sabendo que comunicação não é um dom inato, mas habilidade adquirida e aprimorada por aprendizado e treinamento constantes.

Nesse processo dialógico é preciso repensar a idéia antiga de que o professor transfere seus conhecimentos aos alunos. Isso nos parece uma forma autoritária de pensamento. Cabe ao professor mediar o contato dos alunos à realidade do mundo.

Baccega (2003, p.7) procura chamar a atenção para a importância desses meios na formação de cada indivíduo:

Não podemos esquecer de que a televisão também é uma grande conquista tecnológica e, pelo que se ouve predominantemente, ela não vem sendo utilizada da maneira mais adequada à formação cidadã. Já se temos um projeto pedagógico que atende às exigências de diálogo, de interação, de respeito a todos os envolvidos, as tecnologias servirão para sua divulgação e operacionalização, atingindo maior número de participantes.

Mas, é a Internet, o meio escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa, pela importância e proporção que este meio de

comunicação tem demonstrado nos últimos anos. Parece-nos que este meio tem sido o que mais desperta interesse nos jovens. Os jovens estão ligados ao pensamento digital, visual, espacial, dinâmico de processamento de inúmeras informações, simultaneamente. O jovem é percebido pela sociedade de forma geral como um ser que tem pressa, superficial e irrequieto, talvez, daí venha a grande afinidade com os meios virtuais.

Moran (1993, p. 9) descreveu-os da seguinte forma:

O jovem mesmo quando efetua operações abstratas, por exemplo, quando lê, o faz apoiando-se em imagens, no concreto. O jovem demora mais hoje em fazer a ponte entre o analógico e o digital, entre o concreto e o abstrato. Os educadores não sabem como lidar com esta dificuldade e geralmente ficam só culpando os meios de comunicação por influenciar decisivamente os jovens nesta forma de perceber e de se expressar.

Freire (1987, p. 22) participa com sua compreensão sobre o ser humano, seu poder de comunicação e transformação social:

esse movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. O movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de escrevê-lo, ou reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Enquanto Morais (1986, p.2) pondera sobre a questão de ensinar:

Há a queixa de que a educação tem sido uma “terra de ninguém”, onde todo mundo dá palpite, seja ou não especialista. Mas se acreditamos que educar e ensinar são tarefas da família, da igreja, da escola, dos meios de comunicação, dos ambientes de trabalho, dos sindicatos, etc., então cremos também que o educar e o ensinar devam ser temas de toda a sociedade – não só dos especialistas.

Freire (1987, p. 26) reforça a importância do diálogo professor-aluno como forma de comunicação, fazendo uma crítica a forma como se ouve e se fala:

Direito deles de falar a que corresponde nosso dever de escutá-los. De escutá-los corretamente, com a convicção de

quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito mais em troca. Mas, como escutar implica falar também, ao dever de escutá-los corresponde o direito que igualmente temos de falar a eles. Escutá-los no sentido referido é, no fundo, *falar com eles*, enquanto simplesmente falar a eles seria uma forma de não ouvi-los.

Morais (1986) destaca a importância da comunicação, ao afirmar que acredita que ao se comunicarem, os seres humanos se enriquecem. O autor reconhece que seu conceito de ensinar não se classifica como utilitarista e pragmático e, por essa razão, suas idéias são consideradas por alguns como difíceis de serem colocadas em prática.

Levy (apud MATOS; TORRES, 2004, p. 1), completa fazendo uma afirmação sobre o poder e a importância da informação da atualidade:

Uma das maiores lições da história é que quem controla os principais bens de uma Era, sejam eles quais forem, geralmente vence. Assim aconteceu com os fazendeiros que possuíam as máquinas na Era da Agricultura. Aqueles que possuíam as máquinas se tornaram os grandes vencedores durante a Era Industrial. E os barões do software se tornaram os poderosos na Era da Informação.

Partindo dessa reflexão, espera-se conduzir o principal objetivo desta investigação e encontrar soluções, como propõe Martín-Barbero (apud BACCEGA, 2002, p. 9), ao afirmar:

Só quando assumir a tecnicidade mediática como dimensão estratégica da cultura [...] Para isso, a Escola deve interagir com os campos de experiência em que hoje se processam as mudanças: desterritorialização / realocização das identidades, hibridação da ciência e da arte, das literaturas escritas e audiovisuais, organização dos saberes a partir dos fluxos e redes dos quais hoje se mobiliza não só a informação como também o trabalho e a criatividade, o intercâmbio e a publicização de projetos, de pesquisas, de experimentações estéticas.

É preciso assumir a responsabilidade nesses novos tempos, como busca incessante da compreensão, do diálogo, como propõe Moran (1998, p. 115),

O nosso foco não pode permanecer só no individual, mas deve estar também direcionado ao comunitário, aos grupos importantes dos quais participamos. Quanto mais pudermos inserir-nos em espaços de ação comunitária, encontraremos nas tecnologias parceiras permanentes e criativas para

expandir nossas inúmeras possibilidades de informação, de comunicação e de ação.

Moran (1998, p. 86) complementa afirmando que a evolução tecnológica deixa de ser mera coadjuvante na vida social:

A Internet ajuda a desenvolver a intuição a flexibilidade mental, a adaptação a ritmos diferentes. A intuição, porque as informações são descobertas por acerto e erro, por conexões “escondidas”. As conexões não são lineares, vão “linkando-se” por hipertextos, textos interconectados, mas ocultos, com inúmeras possibilidades diferentes de navegação. Desenvolve a flexibilidade porque a maior parte das seqüências é imprevisível, aberta. A mesma pessoa costuma ter dificuldades em refazer a mesma navegação duas vezes, também ajuda na adaptação, a ritmos diferentes: a Internet permite a pesquisa individual, em que cada um siga seu próprio ritmo, e a pesquisa em grupo, em que se desenvolve o aprendizado colaborativo.

Kuhn (1979, p. 56) explica que os cientistas não são os únicos que adquirem um conjunto de padrões, instrumentos e técnicas pela educação, havendo outros profissionais que também usam os conhecimentos adquiridos pela educação no seu trabalho criativo. Entretanto, a pedagogia científica “pode induzir uma rigidez profissional praticamente impossível de se alcançar em outros campos, exceto talvez na Teologia”.

Assim, “a educação científica continua a ser uma iniciação relativamente dogmática a uma tradição preestabelecida de resolver problemas, para a qual o estudante não é convidado e não está preparado para apreciar” (KUHN, 1979, p. 58).

Kuhn (1998, p. 207) destaca que nas ciências da natureza contemporâneas, o estudante se baseia nos manuais até iniciar sua pesquisa, o que ocorre no terceiro ou quarto ano da graduação. Pode-se dizer que o autor dirige sua análise sob a perspectiva de que a história do fazer científico encerra uma visão paradigmática, a qual tenciona orientar a quem se prepara para ingressar na atividade científica. Em outras palavras, o estudante que pretende se tornar cientista deverá estudar modelos do campo científico de seu interesse a fim de se moldar nos fundamentos da “ciência normal” desse campo. Observa-se que o significado de paradigma

está relacionado à idéia de modelo, o que indica que o novo cientista ao ser preparado ao modelo, vai dominar uma espécie de mapa do conhecimento limitada à sua zona de escolha, ou seja, assimila um roteiro. Isto ocorre porque a comunidade científica ao adquirir um paradigma, adquire um critério para a escolha de problemas que, enquanto vigorar o paradigma, pode-se considerar como dotado de uma solução possível.

A ciência que Kuhn denomina de normal, segundo Popper (1979, p. 64), “pressupõe uma estrutura organizada de suposições, ou uma teoria, ou um programa de pesquisas, necessário à comunidade de cientistas a fim de poderem discutir racionalmente o seu trabalho”.

Popper (1979) ainda escreve que a ciência normal de Kuhn existe. Trata-se da atividade do profissional não muito crítico; do estudioso da ciência que aceita o dogma dominante e que só aceita uma nova teoria revolucionária quando quase todos estão prontos para aceitá-la. O autor acredita que todo ensino de nível universitário deveria insistir em educar e estimular o aluno a utilizar o pensamento crítico.

Tais considerações levam a supor que a educação encontrava-se em crise antes mesmo das mudanças tecnológicas que hoje estão presentes e que, para Moran (1993, p. 24), fazem com que não apenas os jovens, mas a maioria da população permaneça no estágio das operações concretas de Piaget, ou “da necessidade da ‘muleta’ da imagem, da analogia, do exemplo”.

Ainda, segundo Moran (1993), a maioria das pessoas não consegue facilmente transitar pela metalinguagem, pela abstração reflexiva, pela busca das causas, das explicações mais complexas, estruturais.

No entanto, na sociedade capitalista em que vivemos a necessidade que impera é que as informações sejam acessadas, transmitidas e armazenadas com rapidez e eficácia, o que faz as empresas investirem na pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação (SANTOS, 2003). Mas, também o mercado de trabalho exige

indivíduos empreendedores, autônomos, com muita iniciativa e espírito crítico (WOLYNEC, 2006).

Portanto, o problema está no próprio fazer pedagógico, ao qual cabe “ensinar” ao aluno como “selecionar” tantas e tantas informações, a ter visão crítica. Isso recai nas proposições de Paulo Freire, feitas há cerca de 30 anos.

Freire (1994, p. 226), afirma:

Uma das condições para que um fato, um fenômeno, um problema seja entendido em sua rede de relações, é que se torne, dialeticamente, um destacado percebido em si. Primeiro que o compreendamos como algo nele mesmo para assim perceber que sua compreensão envolve suas relações com os outros dados ou fatos.

Para Wolyneec (2006, p. 1), a instituição universitária “pode ser vista como uma fornecedora de serviços de conhecimento, nas diferentes formas exigidas pela sociedade”, o que significa que embora a missão institucional não tenha se alterado, a forma de exercer esse papel sofreu uma mudança drástica.

Nesse sentido, Fogaça (apud GONDIM, 2002), afirma que a inter-relação entre a educação geral e a educação profissional começou a ser vista, principalmente, por dois processos: a globalização e a emergência de um sistema de produção sustentado na automação flexível. Assim, o ensino fundamental, o ensino técnico de nível médio e o ensino superior passaram a ser colocados em pauta quando o tema é o da reestruturação produtiva e sua relação com o mercado de trabalho.

Para Gondim (2002) as mudanças que estão ocorrendo levam as organizações formais a se reestruturarem o que repercute no delineamento de um profissional mais compatível com a nova realidade. “O desenvolvimento científico e tecnológico, suporte fundamental da globalização, aumenta a complexidade do mundo e passa a exigir um profissional com competência para lidar com um número expressivo de fatores”. O perfil profissional desejável está fundamentado em três grupos

de habilidades: a) as cognitivas, geralmente obtidas no processo de educação formal, tais como raciocínio lógico e abstrato, resolução de problemas, criatividade, capacidade de compreensão, julgamento crítico e conhecimento geral; b) técnicas especializadas, tais como: informática, língua estrangeira, operação de equipamentos e processos de trabalho; e c) as comportamentais e atitudinais, como cooperação, iniciativa e empreendedorismo.

No entanto, aluno hoje vive em mundo em que impera o “lazer e dispõe de um conjunto de equipamentos que envolvem o educando e o afastam de qualquer atividade cujo esforço de pensar vá além das respostas simplistas e imediatas” (TONDATO; JACOB; TEMER, 2004, p. 3).

Moran (1997) percebe essa realidade de forma mais otimista. Entende que uma das características mais interessantes da Internet é a possibilidade de descobrir lugares inesperados, de encontrar materiais valiosos, endereços curiosos, informações relevantes. Uma consequência da Internet é que a comunicação se torna mais sensorial, mais multidimensional e não-linear. Além disso, as técnicas de apresentação são mais fáceis e mais atraentes do que anos atrás.

Nessa mesma linha de raciocínio, Cayuela (1976) parece concordar ao dizer que compete “ao educador ressituar todas as informações; mostrar as relações e condições sociais; com a participação ativa dos educandos elaborar uma interpretação criativa dos conhecimentos e uma crítica das informações”.

Professores e alunos praticam formas novas de comunicação; o aluno aumenta as conexões lingüísticas, as geográficas e as interpessoais. Entre os problemas apresentados pelas novas tecnologias estão: a facilidade de dispersão e o fato da participação dos professores ser desigual. No entanto, ensinar na e com a Internet atinge resultados significativos quando se está integrado em um contexto de mudança do processo de ensino-aprendizagem, no qual professores e alunos vivenciam

formas de comunicação abertas, de participação interpessoal e grupal efetivas (MORAN, 1997, p. 7).

No mundo real ou virtual, o que se percebe é que há um grande volume de informações sendo disparadas para todos os lados, basta uma palavra-chave em qualquer *site* de busca, mas, a qualidade destas informações são bastante discutíveis. Pois, se recebe muito da mesma informação, não se percebe uma diversidade de fontes. Pela não leitura de livros e seu fichamento, perde-se um determinado tipo de informação. Não que ela não esteja disponível na internet, mas a forma como se aprende na internet é muitas vezes mais fragmentada do que aquela que se lê no próprio livro. A internet traz em sua essência um conceito de rapidez, de dinamismo que atrai aos jovens e os leva a articular e manipular estas informações como possibilidade de abertura de caminhos, o diálogo surge como via prioritária.

2.3 O Diálogo Professor-Aluno em Paulo Freire

A vida é uma evolução, uma aprendizagem do desaprender. Pense em diversos professores seguindo em qualquer direção, é preciso uma maior identidade. Paulo Freire é uma alma atual e complexa como o mundo de hoje.

Desde a primeira metade do século XX, no Brasil, alguns teóricos da educação já se preocupavam na compreensão das relações entre as tecnologias e os processos educativos, como aponta o professor Soares (2007, p. 2):

Desde os anos 30, com a consolidação da radiodifusão, teóricos como Anísio Teixeira lembravam a necessidade de incorporar os meios de informação aos processos educativos. Nos anos 50 e início dos 60, o rádio foi usado por Paulo Freire em seu projeto nacional de alfabetização de jovens e adultos, através do MEB – Movimento de Educação de Base. Com o advento da televisão, um sistema de TVs educativas foi implantado com a promessa de revolucionar a educação nacional. [...] A educação formal, contudo, resistiu o que pode às inovações e as iniciativas no campo das tecnologias no ensino não chegaram a empolgar nem o

legislador, nem os núcleos formadores de futuros professores, as Faculdades de Educação.

Paulo Freire se destaca como educador preocupado com a relação dialógica em “Pedagogia do oprimido” (1987), entendendo que a classe econômica dominante (opressora) disponibiliza uma educação para o oprimido caracterizada como antidialógica, ou seja, as relações educador-educandos apresentam um caráter fundamentalmente dissertador, em que se fala da realidade como algo estático ou sobre um tema alheio à experiência dos educandos. Portanto, a educação tem como característica a sonoridade da palavra e não sua força transformadora.

Dessa forma, a educação assemelha-se a um ato de depositar, na qual os educandos são os depositários e o educador, o depositante. Logo, trata-se de uma concepção bancária de educação, na qual a única ação dos educandos é receber os depósitos e arquivá-los. Na visão bancária, o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber, numa manifestação da ideologia da opressão, que pretende transformar a mentalidade dos oprimidos para melhor os dominar, pois pensar autenticamente é perigoso.

A educação bancária, estipulada pela elite opressora é uma educação em que o educador é o dono do saber e o educando um mero ouvinte, que nada sabe. Nessa concepção predomina o discurso e a prática, na qual o sujeito da educação é o educador que deposita “comunicados” que os educandos recebem, memorizam e repetem, da qual deriva uma prática totalmente verbalista, dirigida para a transmissão e avaliação de cima para baixo e autoritária, pois manda quem sabe.

A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processo de busca. Esse tipo de educação pressupõe um mundo harmonioso, no qual não há contradições, conservando a ingenuidade do oprimido, que se acomoda no mundo conhecido.

Na educação problematizadora ou libertadora, proposta por Freire (1987), ocorre o contrário. Há interação entre ambos, pois tanto o

educador quanto o educando acabam aprendendo e ensinando simultaneamente. Assim, não se transfere conhecimentos, mas se compartilha experiências, se constrói seres críticos com o diálogo.

O diálogo, na visão de Freire não é um produto histórico, é a própria historicização, sendo o movimento constitutivo da consciência que se abrindo para infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e busca reencontrar-se além de si mesmo.

Sob esse olhar, as elites dominadoras têm como característica a teoria antidialógica, enquanto que a classe revolucionária-libertadora se caracteriza pela teoria da ação dialógica, na qual os sujeitos se encontram para a transformação do mundo. Na teoria antidialógica existe um sujeito que domina um objeto e na teoria dialógica existem sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo.

Por outro lado, o antidialógico tem necessidade da conquista e procura realizar o seu intento de mil formas, desde as mais duras às mais sutis. O antidialógico se impõe ao opressor para oprimir mais, não só economicamente, mas culturalmente, roubando do oprimido conquistado também sua palavra, sua expressividade, sua cultura.

Na obra “A importância do ato de ler”, Paulo Freire (2005) inclui como característica de uma visão crítica da educação, a necessidade do educador viver a prática, o reconhecimento de que ninguém está só no mundo. Viver esta constatação significa reconhecer nos outros, independentemente de alfabetizantes ou estudantes universitários, o direito de dizer sua palavra. Esse direito do aluno de falar corresponde ao dever do professor de escutar. Mas, escutar nesse sentido é o mesmo de “falar com os alunos”, pois se o professor optar por dizer-lhes sempre a sua palavra, sem jamais se expor ou se oferecer a palavra dos alunos, de forma arrogante e convencidos que a missão do professor é salvar os alunos constitui uma boa maneira de afirmar o elitismo, sempre autoritário.

Voltando à “Pedagogia do oprimido”, vê-se que para Freire, o educador humanista, revolucionário, deve orientar-se no sentido da

humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido de doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar fundida na crença nos homens, o que exige que ele seja um companheiro dos educandos.

A educação como prática de liberdade implica, necessariamente, a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como a negação do mundo como uma realidade ausente.

A educação problematizadora responde à essência do ser da consciência, servindo à libertação. O educador não é mais apenas aquele que educa, mas aquele que enquanto educa também é educado, pois os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Ocorre na educação problematizadora um esforço em que os homens vão percebendo, criticamente, como são no mundo com que e em que se acham.

Ao se falar da educação problematizadora, deve-se abordar a essência do diálogo e, conseqüentemente, da palavra que assume duas dimensões: ação e reflexão. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. A palavra inautêntica não pode transformar a realidade, pois está esgotada de sua dimensão de ação e, automaticamente, transforma a reflexão em verbalismo. Por outro lado, sacrificando-se a reflexão, a palavra converte-se em ativismo.

O diálogo, por basear-se no amor, na humildade, na fé nos homens, faz uma relação horizontal, em que a confiança é conseqüência óbvia. Além disso, o diálogo, que implica um pensamento crítico, gera a comunicação, sem a qual não há verdadeira educação. Para tal concepção de educação, a dialogicidade começa na própria busca do conteúdo programático.

A educação problematizadora propõe ao homem sua situação como situação problema, propõe a ele a sua situação como incidência de seu ato congnovente através do qual será possível a superação da percepção mágica ou ingênua que tenham dela.

Nessa nova forma de educar, o diálogo constitui uma exigência existencial, pois é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos direcionados ao mundo a ser transformado e humanizado. Não é possível reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tornar-se simples trocas de idéias a serem consumidas pelos permutantes.

O diálogo é incompatível com a auto-suficiência, sendo que homens não humildes não podem se aproximar do povo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os demais, é porque ainda lhe falta muito que caminhar para chegar ao encontro com eles.

Para o educador educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático não é uma doação ou uma imposição, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo dos elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. Portanto, o diálogo inicia-se ainda na elaboração do conteúdo programático.

A própria investigação da temática envolve o pensar, sendo que este pensar não se dá fora dos homens, nem em apenas um homem, mas nos homens e entre os homens, além de sempre se referir à realidade.

Nesse processo cabe ao educador não apenas ouvir os indivíduos, mas auxiliá-los, desafiando-os, conduzindo-os mais e mais à problematização, seja da situação existencial codificada, sejam as próprias respostas que vão dando aqueles no decorrer do diálogo.

Em “Extensão ou comunicação?”, Freire (1977) explica que o diálogo problematizador não depende do conteúdo que será problematizado, pois tudo pode ser problematizado. O papel do educador não é o de “encher” o educando de “conhecimento”, seja de ordem técnica ou não, mas o de proporcionar, por meio da relação dialógica educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos. Freire exemplifica dizendo que o melhor aluno não é aquele que disserta, não é aquele que memorizou as fórmulas, mas sim aquele que percebeu a razão destas. Quanto mais simples e dócil for o receptor dos conteúdos, em nome do

saber “enchido” por seus professores, tanto menos pode pensar e apenas repete.

Freire (1977) enfatiza que a educação é comunicação, é diálogo, na medida que não se resume à simples transferência de saber, mas em um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

No entanto, essa nova pedagogia tem um dilema a enfrentar: os oprimidos assimilam a “sombra” dos opressores e temem a liberdade na medida que esta exige deles a autonomia e a responsabilidade. Tocados pelo medo da liberdade preferem a gregarização à convivência autêntica. Sofrem uma dualidade, descobrem que não sendo livres, não chegam a ser autenticamente.

A visão que Freire tem do ser humano como um Sujeito em relação com o mundo implica uma concepção das relações entre os homens que é extremamente importante para que possamos compreender seu conceito de comunicação.

Comunicação esta que se faz da palavra, que para Freire (1987), como demonstra na introdução da Pedagogia do oprimido, palavra e ação:

Palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. Não há consciências vazias; por isto os homens não se humanizam, senão humanizando o mundo. (FREIRE, 1987 p.11)

Discutindo a separação entre teoria e prática na cultura bacharelesca, Frei Betto, em diálogo com Freire, lembra-nos de aspecto eminentemente político desse tipo de educação:

Esse discurso tem a propriedade de abstrair o real em conceitos, a ponto de acentuar mais a importância da apreensão dos conceitos que a importância da transformação do real. O real é algo a ser conhecido, explicado, analisado, e não algo a ser transformado. Assim, o saber faz-se poder

enquanto reproduz a ideologia da classe dominante. E predomina a 'cultura de salão'. É considerado culto aquele que detém as informações básicas do código de linguagem da classe dominante. (FREIRE; BETTO, 1986, p. 76-77).

Na sociedade atual, os professores devem estar preparados em virtude da rapidez com que vivemos situações diferentes, no dia a dia. A dinâmica das escolas é cada vez mais acelerada pelo processo multimídico. Na salas de aulas universitárias, convivemos com diversos tipos de mídia: celulares, IPODS, conexão wireless – sem fio - quando não com os próprios computadores pessoais de alunos ou da faculdade.

Frei Betto, em diálogo com Freire, destaca que:

A pedagogia é o modo de aplicar a metodologia. As técnicas ou os recursos são as ferramentas de aplicação. Em outras palavras, a pedagogia é a práxis da metodologia.[...] Na metodologia, o fundamental é saber que percurso faz o processo educativo: o da teoria-prática-teoria ou o da prática-teoria-prática? Ensina-se a pensar ou a agir e pensar o que se faz? (FREIRE; BETTO, 1986, p. 78).

A atualidade do pensamento de Freire está nesta proposta de diálogo, de debate, que se faz necessário neste momento. Reconhecendo na atividade do professor, aquele que dá sentido às palavras, ou melhor, que apresente as palavras e oriente os alunos na busca por um sentido. Que reconheçamos o valor dos meios de comunicação, no caso a Internet, sem perder o senso crítico que se espera na construção do conhecimento. Sem perder o principal objetivo da educação, que é a aprendizagem.

O contexto de amplas possibilidades de acesso a informações favorecidas pela Internet acompanhado pela necessidade da ampliação do diálogo e da aceitação de co-responsabilidades nas interações professor / aluno, gerou as perguntas que nos conduziram à pesquisa que relataremos na seqüência, começando por sua caracterização.

2.4 A Educomunicação e as Novas Tecnologias

A Educomunicação não é um novo campo de estudo da Educação e nem tão pouco uma nova área de estudos da comunicação, pois desde a década de 1970, segundo o professor Ismar Soares (2002) “no mundo latino-americano, as práticas de educação para a comunicação estiveram tradicionalmente vinculadas às propostas de comunicação alternativa e aos projetos de resistência cultural dos anos 1970 e 1980”. As relações entre comunicação e educação sempre estiveram próximas, integradas.

Nessa época, diversos intelectuais da América Latina começaram a estudar a comunicação de forma diferente do que pensavam norte-americanos e europeus. Dentre estes intelectuais, podemos destacar: Jesus Martí-Barbero, Paulo Freire, Gabriel Kaplún, Guillermo Orozco Gómez e Luiz Beltran, que começam a pensar a comunicação como um processo de interação, de educação, diferente do modelo norte-americano que pensava o meio e a mensagem de forma verticalizada, sem discutir o receptor ou a ideologia do meio.

Paulo Freire é o intelectual responsável no Brasil pelo desenvolvimento deste campo do conhecimento, pois será estudado e lembrado pelos principais autores latino-americanos como um colaborador da Educomunicação por sua teoria dialógica:

Paulo Freire forneceu uma base teórica sólida para a gestão de ecossistemas comunicativos, pois sua teoria dialógica, baseada em colaboração, união, organização e síntese cultural, aproximam-se do conceito de Educomunicação. (SARTORI; PRADO SOARES, 2005 p. 12)

Na América Latina, desenvolveu-se o estudo da educomunicação, como entendimento da realidade do sujeito que esta recebendo esta mensagem, pensando criticamente a mesma. Para o professor Ismar Soares, um campo da educomunicação tem estado em evidência em decorrência do desenvolvimento tecnológico:

O capítulo mais em evidência no campo da educomunicação, neste momento, é efetivamente o que denominamos como *mediação tecnológica na educação*. Este campo de estudo contempla a análise das mudanças decorrentes da incidência das inovações tecnológicas

no cotidiano das pessoas e grupos sociais, assim como o uso das ferramentas da informação nos processos educativos, sejam os presenciais, sejam os a distância. (SOARES, 2007).

E completa citando a importância de Jesus Martí-Barbero, pela contribuição do pensamento sobre as sociedades mediatizadas tecnologicamente, ao introduzir no debate o conceito de ecossistema comunicativo:

Para enfrentar o desafio tecnológico devemos estar conscientes de dois tipos de dinâmicas que movem as mudanças na sociedade: a incidência dos meios tradicionais e o impacto das novas tecnologias na vida em sociedade. (SOARES, 2007).

Esse momento é de reflexão para todos os profissionais da educação, sem nos esquecermos do foco que procuramos manter no ensino universitário, mas em ‘todas’ as escolas encontraremos de um lado, um mundo que apela para as imagens eletrônicas, que desperta certo prazer de olhar e consumir e de outro o mundo das palavras escritas, do discurso do professor.

Aí deve estar presente no diálogo do professor o sentido de mediação, de interpretação das novas tecnologias enquanto ferramentas de inovações sociais. Analisando criticamente, este é o papel fundamental do professor nessa relação entre sociedade, cultura e tecnologia.

Complementaremos esta discussão com a posição assumida por Seymour Papert:

O mundo está cheio de futuristas: os utópicos querem que o computador possa encontrar soluções para todos os nossos problemas, enquanto os céticos nos advertem para os perigos dessa máquina. Acho que ambos estão errados: esse futuro informático ainda está por se fazer: é, portanto um ato de escolha que seja um futuro orwelliano ou um futuro humano! (apud, BIANCHETTI, 2006,p. 5)

Para que servem as novas tecnologias? Desde o antigo homem da caverna, os seres humanos estão em constante evolução. No último século talvez o mundo tenha evoluído mais rapidamente que todos os séculos anteriores. Baccega defende a aliança entre comunicação e educação, como o caminho para se trabalhar a nova variedade histórica:

As tecnologias servem para ampliar a comunicação primeira, aquela que se dá através do aparelho fonador, utilizando-se

fundamentalmente da linguagem: código verbal (língua) e não verbais (os gestos, por exemplo). Podemos ilustrar com uma conversa a dois. Ela ocorrerá sem maiores transtornos. Se, porém, ao invés de atingirmos apenas o nosso interlocutor, quisermos atingir um auditório, provavelmente usaremos microfone. Se, mais que um auditório, quisermos atingir pessoas em lugares mais distantes e em número maior – já na casa dos milhares e até milhões – podemos optar pelo rádio. Se a imagem for indispensável, aí entra a televisão. E se quisermos interagir com o interlocutor em tempo real, podemos usar a Internet. (BACCEGA, 2003, p.7)

Baccega (2003) analisa a falta de formação adequada dos professores da nova geração, sendo um empecilho grave, para quem as mudanças na dimensão social da escola exigem equipes multidisciplinares:

Não estamos colocando em dúvida a necessidade do uso adequado das tecnologias. Apenas chamamos a atenção para seu indevido endeusamento, o que coloca, mais uma vez, a necessidade da formação de profissionais no campo da comunicação/educação, quer sejam advindos do campo da educação, quer sejam advindos do campo da comunicação, pois, na verdade, trata-se de um profissional que se caracteriza pela transdisciplinaridade e que poderá dar conta da formação desse cidadão imerso no ecossistema comunicativo da contemporaneidade. (BACCEGA, 2003, p.8)

Ainda, Baccega (2003) completa reforçando a discussão que aprofundaremos mais a frente sobre a diferença entre informação e conhecimento nos dias de hoje:

Não podemos esquecer é que nossos alunos nasceram e estão se constituindo enquanto cidadãos nessa nova realidade, que alguns chamam de sociedade da informação, sociedade do conhecimento ou infoera. Nessa nova realidade, os valores de compartilhamento, de interação, o relacionamento humano está se modificando rapidamente. Recebemos um excesso de informações, em escala muito maior do que podemos absorver. E, nessa escalada estonteante, a informação acaba passando por conhecimento, deixando em todos as marcas da fragmentação, que são o caminho para o insucesso na busca de mudanças sociais que beneficiem a todos. (BACCEGA, 2003, p.8)

Orozco Gómez (1997) amplia a discussão ao afirmar que:

educadores e comunicadores têm experimentado, na maioria dos países ocidentais, diversas estratégias e métodos para aproveitar melhor os meios de comunicação de massa e para potencializar, nos receptores, suas capacidades analíticas, críticas e comunicativas frente às e a partir das mensagens que recebem. (OROZCO GÓMEZ, 1997, p.65).

Baccega (2003), em uma crítica mais contundente ao modelo de ensino estabelecido, afirma que “Só o conhecimento, com sua percepção de totalidade, pode ajudar na seleção do que é efetivamente importante e necessário para as mudanças históricas.”

Parece-nos cada vez mais evidente a preocupação de diversos profissionais de comunicação e educadores com esta questão, pois é comum ouvirmos dos pais de alunos da geração – pós internet - que nasceu no final do século XX, que hoje seus filhos “são mais informados” como se isto quisesse dizer que hoje estes estudantes detêm mais conhecimentos que os de gerações anteriores. Sendo que na realidade, os estudantes têm acesso ilimitado a um mundo de informações, principalmente via internet, mas não que isso se traduza em conhecimento.

Uma linha de estudos dentro da educomunicação preocupada com a recepção dos conteúdos propostos pelos meios é citada por Orozco Gómez (1997):

A Educação para a Recepção –grifo do autor – sublinha justamente o pólo da recepção como o objeto de análise e se concentra em explorar as múltiplas mediações de que é objeto o próprio processo, a mensagem e a audiência. (OROZCOGÓMEZ, 1997, p.65).

Parece-nos que isso fere os princípios por onde nossos trabalhos acadêmicos têm se desenvolvido. Percebemos uma necessidade grande de cumprimentos das tarefas por parte dos alunos isoladamente ou mesmo em grupos.

O cumprimento da tarefa passa pelo simples pesquisar em um site de busca – sendo o Google o mais lembrado atualmente - onde é possível em questão de segundos, com uma simples inserção de palavras chaves, a busca de uma infinidade de trabalhos científicos ou não.

É dentro desta realidade que está fundamentado esse papel do educador atualmente e que queremos trazer para discussão, com o

intuito de repensarmos desde sua formação acadêmica, passando pela questão da relação professor-aluno e também a questão relativa ao papel da instituição que deve se posicionar quanto ao tipo de estudante que ela quer formar.

Cayuela (1976) destaca esse papel do educador, afirmando:

Compete ao educador ressituar todas as informações; mestrar as relações e condições sociais; com a participação ativa dos educandos elaborar uma interpretação criativa dos conhecimentos e uma crítica das informações; acrescentar às formas simbólicas uma significação nova e própria; manter a inteligência dos educandos em constante despertar à sua curiosidade intelectual, ampliação de seus horizontes espirituais e desenvolvimento de seu espírito, para ser um jovem criador, não buscamos o como e sim o porquê e para quê.” (CAYUELA, 1976)

Podemos perceber uma ligação entre os pensamentos de Cayuela e Freire, com relação ao reprocessar o conhecimento “pois a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de escrevê-lo, ou reescrevê-lo, quer dizer de transformá-lo através de nossa prática consciente.” apud Meditsch (2003).

Cayuela complementa, “Pensando, vemos que o papel do educador é ensinar a aprender, a se construir e reconstruir, formar e deformar, pois todo progresso na educação está na construção do espírito e não em sua domesticação”.

Portanto para que o processo de ensino-aprendizagem possa ser discutido num sentido mais amplo é importante o reconhecimento da importância de uma educação libertadora, problematizadora, tanto no ensino fundamental até a universidade, pois o princípio é o mesmo, uma educação crítica e transformadora numa sociedade mais humana. Acreditamos que o princípio ético também faça parte deste processo.

Numa ação consciente de ensinar-aprender cabe a professor e alunos vincular o saber escolar a seus determinantes sociais a fim de que o conhecimento científico prevaleça e a objetividade e a universalidade desse saber sejam preservadas.

A ação de ensinar, tal qual estamos aqui discutindo, põe em movimento os elementos constitutivos da didática – os objetivos, os conteúdos e a unidade ensino-aprendizagem – numa situação didática concreta, que inclui o contexto sociocultural da escola e dos alunos, a ação docente, os recursos disponíveis, os conhecimentos e as experiências de vida do professor e dos alunos.

Há autores que indicam que as condições essenciais estão no professor, na sua ação de ensinar, ressaltando que métodos apropriados seriam eficientes para o êxito dessa ação. Outros entendem que o ponto essencial nesse processo está no conhecimento do aluno e no atendimento a seus interesses e necessidades.

Cabe ao professor o desafio de transformar sua prática pedagógica de modo a garantir um espaço de interação em que haja a possibilidade de participação e troca de todos os alunos, sem privilegiar apenas aqueles que se destacam nas iniciativas ou na verbalização.

É fundamental nessa interação que o professor assuma o papel de um interlocutor mais experiente, contribuindo efetivamente para que todos os alunos, indistintamente, consigam apropriar-se dos conhecimentos essenciais da etapa escolar específica em que se encontram, tendo consciência de que cada momento de ensinar-aprender é um passo importante para a interiorização do saber sistematizado, historicamente acumulado.

Esta reflexão nos leva à concepção bancária e à concepção libertadora de educação proposta por Paulo Freire. Para esse autor, na visão bancária de educação:

O 'saber' é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber... em lugar de comunicar-se, o educador faz 'comunicados' e depósitos que os estudantes, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem (FREIRE, 1979, p.66).

Já na concepção libertadora o autor, diz:

Educador-problematizador re-faz, constantemente, seu ato cognoscente na cognocibilidade dos educandos... e estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos em diálogo com o educador, investigador crítico, também (FREIRE, op.cit., p.80).

Orozco Gómez (1997) conclui afirmando que “a escola é o lugar para instrumentar a mediação” e incluímos a universidade e o professor universitário como fundamental na formação de novos profissionais, mais críticos e conscientes:

Pensar que a escola é o lugar onde se pode instrumentar uma mediação profissional sistemática frente aos meios de comunicação de massa não significa descartar outras instâncias. Uma mediação deste tipo não pode ser unilateral, por definição. Congrega necessariamente a concorrência de muitas partes, que devem ser organizadas para poder ter alguma efetividade. Tampouco se podem esperar muitos resultados em curto prazo, mas aceitar o fato que só a médio prazo é possível verificar-se transformações. Ao invés de desanimar, deveria se estimular para começar já o desenvolvimento de estratégias de Educação para os Meios. (OROZCO GÓMEZ, 1997, p.68)

Há significativas coincidências no conteúdo das propostas de diferentes autores, onde alguns incluem concepções de ensino-aprendizagem decorrentes de uma concepção de conhecimento que, por sua vez, tem como suporte uma concepção político-social da educação. Na maioria dos autores citados está presente a intenção de estabelecer diferenças entre uma proposta pedagógica na qual preponderará a reprodução do conhecimento cientificamente acumulado e uma outra que concebe o conhecimento como processo de produção, em que a dúvida, os riscos e a incerteza são estímulos ao aprendiz.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

No presente trabalho se investigou a importância da comunicação na construção do conhecimento e a presença de Internet no dia-a-dia de acadêmicos. O estudo é de natureza exploratória e foram utilizadas entrevistas como estratégias de pesquisa com os alunos do curso de Administração de Empresas com ênfase em marketing, de uma instituição de ensino superior privada.

As questões norteadoras deste estudo relacionam-se à construção do conhecimento por meio da comunicação, mais especificamente, por meio de pesquisas acadêmicas via Internet, assim como, o papel do professor na sala de aula, auxiliado por diversos recursos didáticos.

São tempos de novas tecnologias envolvidas no processo de educação, em diversos cursos, abrangendo todas as idades, desde a infância até a universidade. Há algumas décadas, a educação convive com os mais variados meios de comunicação, destacando-se a televisão nos debates sobre esse tema. A força da comunicação de massa se faz presente antes da criança atingir a idade escolar e encontra-se inserida no seio da família, que também procura educar a criança para a vida.

Assim, com este estudo procurou-se conferir uma abordagem relevante para a educação atual. O contexto é de grandes descobertas, pois além das mídias tradicionais, como rádio, televisão, cinema, tem-se a convergência de parte delas e o advento de novas, como os computadores, a Internet e o telefone celular.

A linguagem, o diálogo, enfim, a comunicação, está definitivamente ligada à educação e o cenário tecnológico que se instalou nas comunicações hoje em dia, traz uma certeza de mudanças rápidas e constantes que estão por vir. Poderá a escola se manter alheia a estas inovações? A estes novos tempos?

3.1 Objetivos

3.1.1 Objetivo geral

Analisar a inserção da Internet no dia-a-dia de estudantes de um curso de Administração de Empresas, como ferramenta de estudos e pesquisas acadêmicas.

3.1.2 Objetivos específicos

- Identificar a natureza da relação professor-aluno, no ensino superior, mediatizados pela Internet;
- Investigar se na relação professor-aluno há alguma advertência quanto à qualidade de determinados *sites*, acessados pelos acadêmicos no processo de pesquisa;
- Analisar a postura crítica de universitários quanto às leituras via Internet que eles realizam;
- Verificar o conhecimento que os alunos detêm sobre Internet e como eles se relacionam com este meio em busca de informação;
- Identificar o processo como os alunos utilizam a Internet para suas pesquisas acadêmicas e sua importância.

3.2 Delineamento da Pesquisa

Atualmente, o acesso à Internet nas universidades e faculdades é algo que vem se tornando freqüente. A faculdade na qual foi realizada esta pesquisa dispõe de computadores na biblioteca e em mais dois laboratórios de informática, que são utilizados livremente pelos alunos antes do início das aulas e nos intervalos.

Os alunos “navegam” pela Internet diariamente e freqüentam *sites* diversos, nos quais realizam pesquisas. Os *sites* de relacionamento – tipo “Orkut” e “MSN” – são bloqueados na faculdade, tanto para alunos quanto para colaboradores e professores.

Uma reportagem de Ricardo César para a revista Exame (2006, edição 875, p.27) apresenta dados importantes sobre a expansão da internet no Brasil e hábitos de consumo:

Já são 32 milhões de brasileiros que usam a internet, dos quais 9 milhões têm banda larga em casa. Os computadores estão tomando o lugar dos celulares como objetos de desejo das classes C e D. Isso ajuda a explicar por que uma pesquisa de campo encomendada há poucos meses por uma grande empresa para verificar os hábitos dos jovens da periferia do Rio de Janeiro trouxe um resultado surpreendente. Ao lado de respostas esperadas, como freqüentar bailes funk, a internet apareceu como uma das opções de lazer preferidas desse público. Além disso, os brasileiros são campeões mundiais em horas mensais de acesso à rede, à frente de japoneses e americanos. E são os mais novos que puxam a média para cima. Em junho, os brasileiros com idade entre 12 e 17 anos ficaram conectados 28 horas e 30 minutos em casa, segundo o Ibope NetRatings. Já os internautas com idade entre 45 e 54 anos navegaram 16 horas e 47 minutos no mesmo período. Por tudo isso, o Brasil pode ser enquadrado entre os países em que essa mudança de comportamento é uma realidade.

No entanto, em contextos educacionais, há que se ter em mente a necessidade de saber o que procurar, onde procurar, em que *sites* de busca confiar. Filtrar o que é bom do que potencialmente não é.

Assim, ao verificarmos a importância da pesquisa acadêmica para o aluno e se esta é orientada por algum professor que tenha experiência em pesquisas via Internet. Consideramos a importância da tecnologia como uma apropriação benéfica para a educação, de maneira a levar ainda a sua máxima responsabilidade, de fazer com que todo profissional na área de educação, além de saber manipular, tenha o olhar crítico de toda obra, investigue as suas particularidade e expresse o seu real valor com todos os indicativos almejados. (BACCEGA, 2003)

3.3 Metodologia

A investigação desenvolvida foi um estudo de caso qualitativo e com caráter exploratório, utilizando-se um questionário estruturado.

Sanchez Gamboa e Santos Filho (1995, p. 40) defendem a idéia da realização de pesquisa qualitativa, levando em conta que:

Uma vez que a realidade é dependente da mente, na ótica da pesquisa qualitativa, é impossível o investigador e o processo de pesquisa não influenciarem o que é investigado – como o instrumento não pode separar-se do que está sendo medido -, sendo este uma extensão do pesquisador e um fator na construção da realidade pesquisada.

Para Lima (2003), a pesquisa educacional como diálogo deve muito mais do que produzir conhecimento científico pelo conhecimento científico acerca da educação; deve preocupar-se também e, principalmente, dentro de seu agir comunicativo, em desbravar caminhos que possibilitem benefícios à comunidade científica, à sociedade e, especialmente, à educação.

Cabe à pesquisa educacional, portanto, examinar os problemas epistemológicos que penetram no campo da educação e, desta forma, com um olhar crítico, construir caminhos e diretrizes que lhe dêem sustentação. Para que essa pesquisa alcance esses objetivos é preciso se preocupar com a preparação para a pesquisa em educação por parte do investigador, que se faz, não simplesmente pelo emprego desta ou daquela metodologia ou técnicas específicas, mas por meio da formação pedagógica do investigador (e esta ao longo de sua vida), que tem um peso substancial no processo da investigação científica, considerando que “o estudo aprofundado de problemas fundamentais da educação nos seus aspectos científicos, históricos e filosóficos não pode ser substituído pela aprendizagem de discutíveis roteiros metodológicos” (AZANHA, 1992, p. 11).

Isto não significa que se deve dar menos importância ao domínio metodológico da pesquisa em educação, mas sim em ter

consciência de que é a formação pedagógica do investigador que poderá possibilitar um melhor emprego deste, dando maior sustentabilidade à pesquisa efetuada e aos seus processos. Conseqüentemente, é deste ponto relevante que a pesquisa em educação deve ser realizada.

A pesquisa educacional, como define Charles (apud LIMA, 2003, p. 21), é o estudo sistemático, paciente e cuidadoso dos muitos aspectos da educação para descobrir os melhores caminhos no trabalho com a educação, estabelecendo princípios que possam ser guiados, ao mesmo tempo, que abrindo novos caminhos, pelos questionamentos da própria prática e desses mesmos princípios, objetivando dinamizar um olhar orientador, reflexivo e transformador da educação como objeto de pesquisa numa perspectiva multidimensional.

É exatamente sobre este olhar que a pesquisa da pesquisa educacional, ou como preferimos, a pesquisa epistemológica deve fundamentar-se, isto é, pela análise crítica deve denunciar caminhos questionáveis, sem substancialidade científica e propor a reflexão constante da praxiologia da pesquisa educacional, indicando pistas significativas, mas não acabadas, para construção do conhecimento científico neste campo particular. O estudo epistemológico da pesquisa educacional, conseqüentemente, é um veículo desafiador, considerando o seu caráter avaliativo da qualidade da produção científica e vigilância epistemológica pertinente, o que substancializa o trabalho científico e fornecendo elementos imprescindíveis para sua construção.

3.4 Os Participantes da Pesquisa

Os participantes da pesquisa foram alunos do terceiro semestre, todos regularmente matriculados no curso de Administração de Empresas com ênfase em Marketing. Participaram, por iniciativa própria, do processo de pesquisa. De uma sala com aproximadamente 50 alunos, 28 alunos concordaram em responder ao primeiro questionário.

Em todos os momentos os alunos receberam explicações sobre esse trabalho e quanto à necessidade de se conhecer a percepção que eles têm do uso da Internet como ferramenta de pesquisa. Para que o aluno compreendesse bem as necessidades e os objetivos foram convidados a participar dos trabalhos, respondendo o questionário e sendo entrevistados.

A escolha de alunos do terceiro semestre deveu-se ao fato deles terem uma boa vivência no curso e, provavelmente, terem realizado pesquisas solicitadas por seus professores durante os dois primeiros semestres do curso.

3.5 Procedimentos de Coleta de Dados

O estudo começou a ser desenvolvido durante o segundo semestre de 2006, quando foram realizados os testes piloto. No início do ano letivo de 2007, mais especificamente, no dia 07 de fevereiro de 2007, foi realizada a primeira etapa da pesquisa com 28 alunos do 3º ano do curso de Administração Mercadológica.

Os alunos foram convidados a participar respondendo a um questionário em sala de aula. O questionário (Apêndice 1), com dez perguntas, buscava dados para se entender o nível de leitura e de informações em que os alunos se encontravam e seu relacionamento com os meios de comunicação.

Procurou-se entender a ordem de prioridade ocupada pela Internet para a realização de pesquisas dos alunos, a afinidade com esse meio e também a sua utilização por parte dos professores na relação de ensino/aprendizagem. Neste momento, foram inseridas questões relativas a conhecimentos referentes ao uso do computador e, especificamente, da Internet na questão da pesquisa científica.

Como passo preparatório para aperfeiçoamento do instrumento da entrevista final (Apêndice 2), foi realizado um teste piloto, utilizando para

tanto entrevista semi-estruturada com três alunos do mesmo curso (que não foram entrevistados, posteriormente).

Os alunos que manifestaram interesse em prosseguir como colaboradores na pesquisa foram entrevistados (Apêndice 2). A aplicação das entrevistas foi feita de forma individual e todas foram filmadas em vídeo, para obtenção do material que constitui o objeto de análise. Cada aluno se dirigiu individualmente ao local de gravação – estúdio de televisão da faculdade.

Na seqüência passa-se à análise e discussão das respostas dos entrevistados, tendo por orientação a revisão de literatura apresentada no título anterior.

4 DIÁLOGO COM ALUNOS SOBRE INTERNET

O trabalho de investigação ocorreu em dois momentos distintos. O primeiro teve o propósito de uma aproximação inicial que permitiu a identificação de alunos que têm afinidade com a Internet, os quais constituíram o grupo de colaboradores que participaram da pesquisa.

Em um segundo momento, aprofundou-se na questão do processo de pesquisa dos alunos com a Internet. Para isso, foram realizadas entrevistas – gravadas em vídeo para posterior análise e registro documental - nas quais se procurou entender melhor a questão da informação *versus* conhecimento para os alunos, a partir do processo de como se informam pela Internet. Visou-se, também, conhecer a postura dos alunos frente ao computador, a relação que estabelecem com a Internet que parece fasciná-los pelas possibilidades que surgem, pois com ela é possível chegar a qualquer lugar num tempo mínimo, conhecer lugares, sanar dúvidas referentes a qualquer assunto, estabelecer relacionamentos. O foco desta etapa da pesquisa recaiu sobre a questão da aprendizagem. Será que nossos alunos aprendem com a Internet?

4.1 Diálogo Inicial

O diálogo inicial ocorreu em 07 de fevereiro de 2007, com 28 alunos do 3º semestre do curso de Administração Mercadológica da disciplina de Marketing I. O objetivo foi conhecer melhor os hábitos de leitura dos alunos e saber como eles se relacionam com os meios de comunicação, enfim, como se informam.

O que isso significa para o exercício docente? Significa que é preciso partir de uma referência para um melhor conhecimento da realidade dos alunos, mesmo falando de conhecimentos gerais, de sua realidade enquanto “leitor” das diversas mídias.

Esta é uma pesquisa livre, na qual foram respeitados os conceitos que de certa forma os alunos participantes demonstram objetivamente. Não houve nenhuma interferência do pesquisador e nem foi questionada à qualidade do texto. Este por sua vez, contribuiu para entender, desde o primeiro momento, a realidade do aluno de ensino superior com relação à redação e à abstração, ao alinhamento de suas idéias e quanto importante é o desenvolvimento do prazer da leitura nesse grupo.

Acredita-se que isto pode ter conseqüências profundas para os procedimentos de ensino e pesquisa, interferências profundas, sobretudo, na questão do currículo ou conteúdo a ser trabalhado durante o curso.

Inicialmente, acredita-se que esta pesquisa promoveu, de imediato, uma reflexão sobre a questão do autoconhecimento desses alunos e, assim, despertou neles a compreensão pelo desenvolvimento da leitura.

A primeira pergunta foi: Quantos jornais você lê diariamente? Quais são?

Com esta pergunta objetivou-se conhecer melhor o grau de informação que os alunos têm com relação à mídia jornal. As respostas obtidas são demonstradas na Tabela 1.

TABELA 1 – Freqüência de leitura de jornais

Respostas	Freqüência
a) Não lê nenhum jornal	03
b) Lê apenas um jornal	17
c) Raramente lê um jornal	06
d) Raramente lê dois jornais	02
Total	28

Fonte: O autor (2007).

Dentre os jornais mais citados, encontram-se: O Diário do Norte do Paraná, com 18 indicações e Folha de São Paulo, com 2 indicações, são os mais expressivos. Percebe-se um hábito pela leitura de mídias

regionalizadas, nas quais é possível se informar sobre notícias locais. Acredita-se que as leituras sejam feitas nos jornais disponíveis nos próprios locais de trabalho. Foram citados, uma única vez, os jornais: Folha de Londrina, Hoje, O Estado de São Paulo, Gazeta Mercantil e Gazeta do Povo. A leitura destes jornais demonstra a pequena penetração dos mesmos junto a esse público.

Com as resposta às perguntas - *Quantos livros você lê por mês? Você pode citar o nome dos últimos 5 livros que leu e quando foram lidos?* – foi composta a Tabela 2, a seguir.

TABELA 2 – Frequência de leitura de livros

Respostas	Frequência
a) Raramente lê livros	08
b) Lê um livro por mês	02
c) Lê dois livros por mês	02
d) Lê um livro por ano	02
e) Lê dois livros ou mais por ano	02
f) Não lê nenhum livro	12
Total	28

Fonte: O autor (2007).

Como pode-se ver há um grande número (12) de alunos que não lê nenhum livro durante todo o ano e um outro grupo expressivo (08) que raramente lê. Com rara exceção, os alunos demonstraram dificuldades em lembrar os livros que haviam lido há pouco tempo - isto foi observado durante o momento que os alunos respondiam ao questionário. Um dado preocupante é que somente um clássico da literatura brasileira foi mencionado, “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, considerando que a maioria desses alunos completou o segundo grau há pouco tempo. Um outro dado preocupante é com relação aos livros relacionados à área de formação, sendo que foram citadas algumas poucas obras correlatas à área de administração mercadológica, como por exemplo, alguns de vendas.

Mesmo tendo como foco da pesquisa o ensino superior, é importante registrar como tem sido tratada a questão da literatura nas escolas do ensino médio, pois ali é uma fase importante na formação do hábito de leitura. Contudo, não se pode generalizar. Talvez a maioria dos alunos só leia por obrigação, enquanto outros nem lêem: só querem saber de resumo, para cumprir a tarefa ou se preparar para o vestibular.

Como havia dito anteriormente, uma exceção foi um dos alunos que mostrou um bom potencial de leitura e citou os livros lidos “um por mês” com seus respectivos autores: “O Baú do Raul” revisado (jan. 2007); “Psia” (Arnaldo Antunes – dez./2006); “40 escritos” (Arnaldo Antunes – nov. 2006); “O Ateneu” (Raul Pompéia – out. 2006); “Os pensamentos de Janis Joplin” (Janis Joplin – set. 2006).

Entre os livros mencionados, há uma tendência para os de auto-ajuda e vendas como: “Sucesso não ocorre por acaso”; “O monge e o executivo”; “O maior vendedor do mundo”, “Cura interior, 1001 boas maneiras”, “Quem mexeu no meu queijo”; “12 semanas para mudar uma vida”; “O vendedor pitbull”; “Nunca desista de seus sonhos”; “Amar sem sofrer”; “Fala sério: é proibido ser diferente”; “O corpo fala”. Os livros ligados à área de vendas citados que têm relação com a formação acadêmica e, portanto, isso deve ser observado e incentivado pelos professores, é uma oportunidade a ser explorada em sala de aula.

Nesse gênero de literatura, “O monge e o executivo”, foi citado por três alunos. Percebe-se que este livro é um dos que freqüentaram os primeiros lugares dentre os mais vendidos durante diversas semanas.

Outros revelaram apreciar a literatura que envolve ocultismo, religião e suspense. As obras mais lembradas são: “O mundo perdido”; “O dia do Coringa”; “Anjos e Demônios”; “Formas de pensamentos”; “Revisando gênese”; “A ira dos anjos” (Sidney Sheldon); “Juízo final”; “A Bruxa de Portobello”; “O Jesus que eu nunca conheci”; “Código da Vinci”; “Vitórias no deserto”.

Sobre a não leitura, uma argumentação importante que alguns apresentaram foi a respeito do tempo, como este exemplo de um aluno que diz não ler nenhum livro “*devido à correria, começo os livros e demoro a terminar*”; e outro: “*os últimos que li foi em 2005: ‘Holocausto’ e ‘Carandiru’*”, que apontam para uma preocupação com a realidade social.

Para conhecer as preferências, foi perguntado: *Qual livro lhe marcou positivamente? Que tipo de literatura você mais gosta?* A síntese das respostas está registrada na Tabela 3.

TABELA 3 - Gênero literário apreciado

Gênero literário	Freqüência
Realidade; atualidades	05
Auto-ajuda	05
Romance; negócios; ficção	03
Ocultismo	02
Evangélico	01
Outros	01
Não gosta de literatura alguma	04
Total	21

Fonte: O autor (2007).

Novamente, como na questão anterior, há uma demonstração clara de falta de lembrança e conhecimentos sobre qual gênero mais gostam. Aparece de forma mais evidente, o interesse em livros de auto-ajuda, realidade/atualidades e também pelo “desgosto” da leitura, nas palavras dos entrevistados.

Houve uma citação interessante sobre o “Sítio do pica-pau amarelo”, sendo que a seguir o colaborador completa: “não gosto de ‘nem uma’ literatura”.

Um fato que nos aproxima desse universo dos alunos pesquisados, foi ler a citação de um livro que fez sucesso nos anos 80, que

inclusive virou filme e teve um grande apelo no público jovem, que é “Eu Christiane F. 13 anos, drogada prostituída” dos jornalistas Kai Hermann e Horst Rieck.

Outro livro citado por dois entrevistados foi “Nunca desista de seus sonhos”, de Augusto Jorge Cury, confirmando a linha de maior interesse dos alunos, que é auto-ajuda.

Outro detalhe que atentou-nos na pesquisa foi essa provocação de fazer os alunos refletirem sobre sua atual situação em relação ao processo de descobrimento por meio da leitura, da literatura. Um aluno diz: “não li livro completo há muito tempo, mas já fiz um comprometimento de ler algo até o fim”.

Uma característica que anuncia a heterogeneidade da sala de aula pesquisada é o destaque que se pode observar neste outro aluno respondente que afirma: “o livro que eu mais gosto, são os que falam da realidade das coisas” e cita “Primeiras Viagens de Che Guevara”, que entra na linha dos fatos reais e biografias. Este livro citado, não tem nas livrarias, sendo encontrados outros semelhantes, aqui citados: “De Moto Pela América do Sul”, “Diário de Viagem” e “Outra Vez - Diário Inédito da Segunda Viagem Pela América Latina 1953-1956”.

Para que os alunos falassem da leitura de periódicos, perguntou-se: *Quantas revistas você lê regularmente? Assina alguma revista (s)? Qual (s)?*

Com relação à assinatura, houve somente uma citação correspondente à revista Veja. Esse investimento não é cultuado pelos alunos, pela falta de conhecimento ou importância reconhecida e ainda pelo custo que isto representa no seu orçamento. Percebeu-se que a revista é um meio que causa uma boa atratividade e que os professores devem olhá-las como uma oportunidade para o desenvolvimento da leitura. Foram citados 24 diferentes títulos de revistas, que vão de atualidades semanais a revistas com apelo popular, nas quais prevalece o universo da telenovela.

TABELA 4 – Leitura de revistas

Respostas	Freqüência
Não lê nenhuma revista	07
Lê somente uma revista	05
Lê duas revistas	05
Lê três revistas	02
Lê quatro revistas.	01
Lê cinco revistas ou mais.	03
Não responderam	05
Total	28

Fonte: O autor (2007).

Levando em consideração os alunos que disseram não ler nenhuma revista e aqueles que não responderam, tem-se um universo (12) considerável que despreza esse meio como fonte de informação. Quase na mesma proporção, vê-se os alunos que regularmente lêem até duas revistas, enquanto que a minoria lê mais do que duas revistas.

A revista que mais se destacou foi a “Veja”, com 13 citações, seguida por “Exame” com 4 e “Época” com 3. Seguidas ainda de perto por 2 citações para títulos como: “Planeta”, “Você S/A” e “Quatro Rodas”.

Outros títulos de revistas citados apenas uma vez são ecléticos, como: “Placar”, “Auto Esporte”, “Isto é Gente”, “Isto é dinheiro” e “Isto é”, “Playboy”, “Arquitetura”, “Venda Mais” e “Pequenas Empresas Grandes Negócios”. Numa linha mais juvenil e de variedades: “Toda Teen”, “Ana Maria”, “Capricho” e “Contigo”. Num segmento mais feminino adulto: “Cláudia”, “Manequim” e “Nova”. E, em uma área tão importante para a economia regional, foi citada ainda a revista “Globo Rural”.

O cinema constitui outro importante meio de comunicação, por isso foi colocado na discussão, assim: *Você se lembra dos últimos 5 filmes que assistiu no cinema? Quando foi? Cite-os.*

Foi 52 o total de títulos de filmes lembrados pelo grupo de alunos. Filmes de diversos gêneros, que são apresentados a seguir,

observando que a maioria foi citada apenas uma vez. As únicas exceções foram: “A paixão de Cristo”, com 3 citações; e “A Era do gelo” e “A grande família”, com 2 citações. Com relação há quanto tempo assistiram aos últimos filmes no cinema, 16 alunos responderam que assistiram a pelo menos um filme nos últimos doze meses, em um cinema.

TABELA 5 – Hábito de ir ao cinema

Respostas	Freqüência
Não costuma ir ao cinema ou não se lembra	06
Assistiu ao último filme há menos de 4 meses	09
Assistiu ao último filme entre 5 e 12 meses	07
Assistiu ao último filme a mais de 12 meses	04
Total	26

Fonte: O autor (2007).

Uma porcentagem considerável declarou não gostar, ou não ir aos cinemas, ou seja, não tem o hábito de se informar por meio dessa mídia. No Brasil, a péssima distribuição de renda tem suas implicações também neste relacionamento dos alunos com esse meio, pois o mesmo foi citado como um divertimento caro, de difícil acesso aos estudantes. Esta é uma realidade dentro do panorama dos estudantes do ensino universitário noturno, pois muitos deles despendem seu ganho para o pagamento das mensalidades da faculdade, dificultando o investimento em quaisquer outros gastos.

Segundo esse raciocínio, esta é uma oportunidade para os educadores pensarem no desenvolvimento de um “cine clube”, dentro das escolas e faculdades. Seria este um espaço para a aprendizagem multidisciplinar, tão importante para a ampliação do diálogo.

Dos 52 filmes citados, destacam-se alguns de terror, como: “Pânico na floresta”, “Matadores de velhinha”, “Todo mundo em pânico”, “Jogos mortais 3” e “A noiva do Chuck”. Alguns filmes nacionais que tiveram boa divulgação pela mídia foram: “Olga”, “Cazuza”, “Os normais” e “Dois filhos de Francisco”. Estes filmes fazem parte do braço cinematográfico da

Rede Globo, chamado Globo Filmes e vem contribuindo para aproximar o grande público da história recente do Brasil.

A maioria dos filmes citados evidencia claramente a influência da mídia em geral na divulgação dos mesmos, pois foram filmes premiados e com grande sucesso em diferentes mercados, como: “Matrix”, “Sherek I”, “Tróia”, “Harry Potter”, “X-Man”, “Cars”, “Homem Aranha”, “Diários de Motocicleta” e “Piratas do Caribe”.

Outro grupo de filmes também citado foi: “Sociedade dos Poetas Mortos”, “A Concubina”, “O Último imperador” e “A Casa dos espíritos”. Estes, mesmo sendo citados por poucos, apontam para certa maturidade e consciência crítica, por se tratar de um cinema mais reflexivo, que discute questões históricas e sociais importantes.

Percebe-se que há claramente uma preferência pelo cinema comercial: aqueles que recebem um bom apoio de mídia no lançamento e que envolvem grandes interesses da indústria cinematográfica em nível mundial. Isto mostra o quanto essa mídia está esquecida enquanto desenvolvimento intelectual. A mídia cinema, por aqueles que freqüentam, é vista somente como lazer e entretenimento.

Na seqüência foi questionado: *Você utiliza computador em sua residência ou no trabalho? Especifique.*

TABELA 6 – Utilização do computador

Respostas	Freqüência
Utiliza somente em casa	02
Somente no trabalho	04
Utiliza em ambos os lugares	20
Não utiliza computador	02
Total	28

Fonte: O autor (2007).

A maioria, ou seja, 20 alunos, disse utilizar computador tanto em casa, quanto no trabalho. Isto demonstra familiaridade com este

aparelho, facilidade de manuseio, pois é utilizado nos dois ambientes sociais. Deve-se lembrar ainda que uma minoria (2) de alunos não utiliza o computador.

Os universitários acessam a Internet, predominantemente, em suas residências e no trabalho, podendo também acessar da faculdade, nos horários antes da aula ou no intervalo. Com o crescimento do acesso, como vem ocorrendo ao longo dos últimos anos, não será surpresa a Internet estar concorrendo cada vez mais com mídias tradicionais (rádio, televisão, jornal, etc.).

Avaliando por um aspecto positivo, como professor, tenho vivido experiências interessantes, em que alguns alunos, em suas pesquisas pela Internet, trazem informações que ajudam a complementar as aulas, ou algum conteúdo trabalhado em sala de aula, considera-se que essa prática deve ser estimulada pelos professores, pois possibilita um amplo diálogo na relação professor/aluno, valorizando o papel de ambos.

Continuando, os alunos foram convidados a responder: *Você costuma navegar na Internet? Quanto tempo você disponibiliza para a Internet por semana para uso/assunto pessoal?*

TABELA 7 - Tempo de utilização de Internet por semana

Respostas	Freqüência
Nenhum tempo	01
Uma ou duas horas por semana	05
De 3 a cinco 5 horas por semana	07
De 6 a 10 horas por semana	04
De 11 a 20 horas por semana	05
Mais de 20 horas por semana	03
Utiliza Internet, mas não declarou o tempo	03
Total	28

Fonte: O autor (2007).

Pensando de forma mais generalizada, no momento, apenas se está iniciando o conhecimento sobre o comportamento dos alunos com

relação à utilização da Internet, pois na segunda etapa da pesquisa ter-se-á maior aprofundamento sobre esta mídia.

Há uma forte tendência à utilização de Internet, para uso pessoal, como se observa na Tabela 7, com predominância para a utilização de 3 a 5 horas semanais. Em seguida, vem empatada a utilização de 1 a 2 horas e de 11 a 20 horas por semana.

Esses dados começam a indicar significativas mudanças que têm ocorrido na maneira como a informação é buscada. Nesse sentido, os educadores e professores começam a perceber que a Internet provoca uma verdadeira revolução em toda uma geração, constituindo um processo irreversível, contínuo e crescente. Com o barateamento do acesso por meio de banda larga e dos computadores, cada vez mais as camadas mais populares terão acesso, generalizando o crescimento da Internet como meio de informação.

Sobre os sites preferidos, perguntou-se: *Geralmente, você utiliza quais sites para navegar? Cite 5 de sua maior preferência.*

Houve 46 indicações de *sites*, desde os mais populares de busca e relacionamento até os específicos por área profissional de cada aluno. Com destaque para *sites* de bandas de rock – Engenheiros do Hawaí e Barão Vermelho; *sites* de rádios FMs locais, como: Maringá FM, CBN e Gospel.

TABELA 8 – Sites de preferência dos alunos

Sites	Freqüência
Google	15
Globo.com	11
Orkut e UOL	10
MSN e Yahoo	08
Terra	05
Hotmail e Bol	03
Total	52

Fonte: O autor (2007).

Das 46 indicações de *sites* diferentes, um terço citou o Google como a preferência de acesso. É, sem dúvida, o principal *site* de busca. Em segundo lugar, o mais citado foi o Globo.com, com 11 menções mostrando força como ferramenta de informação entre os estudantes universitários. O que precisa ser avaliado é se neste caso não são as novelas o principal foco de procura, como demonstrou certa importância na pesquisa sobre revistas.

Outros dois *sites* citados que merecem discussão, são os de relacionamentos como: Orkut e MSN, que se transformaram em grande sucesso no Brasil, podendo se considerar o Orkut como um fenômeno, conforme reportagem de mídias especializadas. Segundo Cesar (2006, p. 25), “no trimestre encerrado em julho, o Orkut exibiu mais de 28 bilhões de páginas no Brasil, todos os outros serviços do Google somados, incluindo a ferramenta de busca, não chegaram a 4,5 bilhões”. Cesar (2006, p. 26), ainda complementa, afirmando:

Os 13 milhões de internautas residenciais brasileiros ficaram, em média, 10 horas e 8 minutos navegando pelo Orkut. O Portal UOL, distante segundo colocado, segurou a atenção dos internautas por 2 horas e 50 minutos. Esses dados foram medidos pelo serviço Ibope NetRatings e levam em conta somente usuários residenciais.

Esses dados conduzem a uma importante pergunta, o que provoca tanta atratividade para os alunos dedicarem-se a estes *sites*? Nesse sentido, a análise recai sobre a importância de todos os envolvidos em educação – professores, educadores, gestores – entenderem a necessidade de mudanças. A Era da Informação é um fato consumado e a cada dia os alunos estão mais “anteados” sobre novas tecnologias. Todos estão envolvidos nessa revolução, que tem como palavra de ordem: “informação”. Não cabe à escola suprir os alunos de mais informações, mas mediá-los em busca do conhecimento.

Esse é o papel fundamental da escola e dos professores ao mediar estas informações. Não devemos nos preocupar com a quantidade desse conteúdo, mas sim com a qualidade na transformação dessa informação em conhecimento.

Uma das razões consideradas ao avaliar a importância da Internet para esse grupo de alunos foi a mistura de busca por informações, relacionamentos e prazer, que podem ser compartilhados a uma velocidade extrema, de qualquer lugar, por qualquer pessoa. Talvez essa seja uma das razões para estes jovens dedicarem tanto tempo a este tipo serviço que a Internet proporciona.

Uma nota que precisa ser ressaltada nesta análise é a ausência do *site* de compartilhamento de vídeos, como o Youtube, que não foi citado e que parece ser sim, principalmente, por conversas informais mantidas com os alunos, um *site* popular entre eles.

Na seqüência, foi apresentada a pergunta: *Qual meio você utiliza como fonte de pesquisas acadêmicas? Cite quantos achar necessário?*

TABELA 9 – Meios utilizados pelos alunos em suas pesquisas acadêmicas

Meio	Freqüência
Internet	24
Livros	16
Revistas	09
Jornais	05
Biblioteca	03
Vídeos e entrevistas pessoais	01 cada
Total	58

Fonte: O autor (2007).

A Internet foi apontada como o principal meio de acesso a pesquisas acadêmicas. Comprovou-se a importância desta mídia por meio das 24 citações feitas pelos 28 alunos participantes. Logo em seguida, os livros obtiveram 16 citações e as revistas 9 citações como fonte de pesquisa acadêmica. Interessante notar que a biblioteca foi lembrada em 3 citações, embora seja nela que se pode dispor de todos os outros meios como fonte de informação.

Concluindo esta fase, questionou-se: *Gostaria de sugerir algo para melhorar o aproveitamento no curso?*

Neste caso, aproveitando a oportunidade de reflexão sobre os conhecimentos gerais dos alunos, com relação às fontes de informação e seu relacionamento com as diversas mídias, aproveitou-se para ouvi-los com relação à dinâmica da aula, que contribuições gostariam de propor ao curso que se iniciava naquele momento.

TABELA 10 – Propostas dos alunos para melhorias no curso

Respostas	Freqüência
Não tem nenhuma contribuição	06
Aulas dinâmicas, participação dos grupos, interativas, aulas práticas	04
Aulas diferentes, novas, descontração, disponibilidade para alunos; ir à biblioteca	02
Melhorar computadores, vídeos, sala climatizada, palestras direcionadas ao marketing	01
Total	13

Fonte: O autor (2007).

Percebe-se que a maioria dos alunos contribuiu com opiniões sobre o que gostaria que melhorasse no curso e muitos aproveitaram para sugerir melhorias físicas na faculdade. Mas, a avaliação que se faz é de que essas melhorias deverão vir com um projeto pedagógico mais amplo da própria faculdade, pois não pareceu se tratar de uma reivindicação isolada para a disciplina em questão e, sim um descontentamento generalizado. Sabe-se das limitações físicas e a falta de investimentos em melhores condições de ensino, mas o que se vê aqui são os alunos questionando a metodologia de ensino, a didática das aulas, pedindo maior participação nas mesmas. Isto demonstra-nos uma maturidade do grupo e um espírito de colaboração importante para o seu desenvolvimento.

Outro fato a ser destacado foram os seis alunos que responderam não propondo nenhum tipo de contribuição, ou por estarem

satisfeitos ou por se omitirem do processo, juntamente com outros 15 alunos que não responderam esta pergunta.

Antes de iniciar a segunda etapa da pesquisa, finaliza-se esta parte avaliando os resultados e convidando aqueles que gostariam de continuar colaborando no processo de aprofundamento da questão do conhecimento, da informação e aprendizagem utilizando tecnologias de comunicação.

4.2 A Conclusão do Diálogo

Para este segundo momento da pesquisa, na continuidade ao processo, convidou-se todos os 28 alunos que haviam participado da primeira etapa.

Somente 11 alunos revelaram interesse – ou sentiram-se à vontade - em gravar as entrevistas em vídeo, que se transformariam em material de análise. As entrevistas foram gravadas nos estúdios da Faculdade e registradas em vídeo, no dia 25 de abril de 2007. O questionário foi estruturado a partir de 11 perguntas, que os alunos responderam com tranquilidade e individualmente expressaram seus pensamentos.

Procurou-se conhecer como se dá o processo de estudo dos alunos, para compreender como se informam e adquirem conhecimentos, a partir de pesquisa pela Internet. O foco desta etapa recai sobre a questão da aprendizagem, em que se procurou caracterizar a postura dos alunos diante da Internet.

Cada entrevistado será identificado, neste relato, pela ordem que foi gravada sua participação, portanto, ter-se-á do entrevistado 1 ao entrevistado 11, facilitando, assim, a apresentação de seus comentários. A seguir serão feitas considerações sobre a fala dos participantes, seguindo a ordem das perguntas (Apêndice II).

Para conhecer melhor esse grupo, pediu-se *que cada um se apresentasse diante da câmera, dizendo nome, a idade, a série e o curso que frequenta*. A variável idade está registrada na tabela 11.

TABELA 11 – Idade dos entrevistados

Idade	Frequência
De 19 a 22 anos	04
De 23 a 26 anos	06
De 27 a 30 anos	01
Total	11

Fonte: O autor (2007).

Como se pode perceber a maioria (10) tem menos de 27 anos de idade, configurando um grupo de jovens adultos. Pela própria idade percebe-se que alguns estiveram fora do ensino por alguns anos e agora vivenciam a experiência de serem universitários. Uma única aluna, esta com 30 anos de idade, esteve por mais tempo fora do sistema de ensino. Dos entrevistados 4 são mulheres e 7 são homens.

A segunda questão levantada disse respeito à percepção deles sobre a chamada “era da informação”.

Seguiu-se uma série de relatos do que é para eles a “era da informação” é *“rapidez na Internet”, ou “sem informação não chega a lugar nenhum”*. Estes responderam de forma bem direta, dando ênfase à rapidez. No mesmo tom, o entrevistado 3 aponta o *“avanço tecnológico [...], acesso mais rápido, uma informação mais rápida, a Internet facilitando a vida das pessoas”*.

Outros a definiram, como sendo *“tudo, informação diariamente”*. O entrevistado 5 se posicionou de forma mais didática, buscando uma maior reflexão: *“É a era onde todo mundo tem que adquirir mais conhecimento, procurar mais informação para sua sabedoria”*.

Enquanto uma pequena parte dos alunos teve dificuldades em refletir sobre a questão, a maioria conseguiu verbalizar, se tratando de um momento muito importante, um período de transformação.

Segundo Bencini (2002, p. 17), a “era da informação é um fato consumado e a cada dia seus alunos estão mais antenados. Mas precisam da sua ajuda para aprender a interpretar a enorme quantidade de imagens que recebem diariamente”. Hoje, com o advento da Internet de banda larga pode-se completar com a quantidade de músicas, textos, imagens e vídeos que são recebidas todos os dias, principalmente, pela caixa de correspondência. Isso, falando somente de mídias digitais, pois ainda faltam as mídias eletrônicas, que também se desenvolveram.

Castells (1999, p. 50) registra sua visão crítica sobre a sociedade atual, ao destacar o uso que se faz dessa revolução da informação:

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimento e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativa entre a inovação e seu uso.

Na era da informação aparece um novo homem que surge conectado a uma amplitude de novidades e possibilidades a serem exploradas, estudadas, reconhecidas, utilizadas e que, para Lévy (2001b), fez surgir a problemática sobre si mesmo e o mundo que rodeia. Essa complexidade notável o deixa meio perdido, pois há tantas possibilidades de ser, fazer, reconhecer e fluir por si mesmo. O novo homem se torna independente de si pelo mundo que o rodeia.

Entrando no universo acadêmico, procurou-se compreender como foram apresentados, ou melhor, como os alunos tomaram contato com o processo de pesquisa na faculdade, então perguntou-se:

Quando você começou a estudar nesta faculdade foram apresentadas explicações sobre o processo de pesquisa, como pesquisar?

Houve alguma informação dos professores sobre a utilização da Internet? Sobre pesquisa na Internet?

Os professores foram citados diversas vezes como colaboradores no processo de pesquisa, demonstrando uma preocupação em fazer com que os alunos consigam entender este processo. A disciplina Metodologia e Técnicas de Pesquisa (METEP) foi lembrada como responsável por essa aprendizagem, ela é específica desta área e tem como objetivo auxiliar a formação do aluno-pesquisador, produtor de conhecimento científico. Apresenta aos alunos a ciência, seus métodos, regras e etapas de um projeto de pesquisa.

O entrevistado 8 disse: *“todos os professores ajudam a ir pelo melhor caminho. A Internet hoje em dia é, em minha opinião, o melhor caminho”*.

O entrevistado 3 argumentou que *“durante seis meses trabalhando essa matéria [referindo-se a METEP] como pesquisar e fazer os trabalhos, o professor passava sites específicos, com o assunto de origem [...] sites capacitados para pesquisar, sites de informação, como: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; e Ministério da Fazenda”*.

Discutindo ainda sobre as informações iniciais para pesquisa acadêmica, o entrevistado 3 complementa dizendo que, além da informação de um professor específico, *“outros também contribuíram”*, citando inclusive o *site* scholar, como fonte de pesquisa proposto por algum outro professor.

As argumentações mostraram que há uma preocupação com relação às pesquisas realizadas pelos alunos. De forma unânime, vários professores foram lembrados por se preocuparem e por ensinarem a fazer pesquisa acadêmica com qualidade. Isto indica que o grupo de professores está conseguindo com que os alunos se voltem para *sites* educativos, com informações comprovadas ou atestadas por instituições éticas.

Sobre essa questão específica da mediação dos professores com relação a contribuir com que os alunos entendam a utilização dessas novas práticas de comunicação, é importante destacar o pensamento de Moran (1997, p. 7), quando destaca o discurso dos professores:

Ensinar na e com a Internet atinge resultados significativos quando se está integrado em um contexto de mudança do processo de ensino-aprendizagem, na qual professores e alunos vivenciam formas de comunicação abertas, de participação interpessoal e grupal efetivas.

Percebe-se que quando bem orientados, os alunos conseguem entender a importância de “navegar” em *sites* que ajudam na construção do conhecimento, ou seja, *sites* favoráveis à educação. Isto aparece nessa pesquisa (nas entrevistas gravadas em vídeo) diversas vezes, quando os alunos demonstram responsabilidade. Mas, há também casos em que se evidencia o hábito de copiar um conteúdo sem preocupar-se com a reflexão, com o significado dessa informação.

Com preocupação desse gênero, Cayuela (1976) afirma: “compete ao educador ressituar todas as informações; mostrar as relações e condições sociais; com a participação ativa dos educandos elaborar uma interpretação criativa dos conhecimentos e uma crítica das informações”.

Pode-se destacar nesta análise a importância do diálogo professor/aluno proposta por Freire (1987) na educação problematizadora ou libertadora. Há interação entre ambos, pois tanto o educador quanto o educando acabam aprendendo e ensinando simultaneamente. Assim, não se transfere conhecimentos, mas se compartilha experiências, se constrói seres críticos por meio do diálogo.

A aprendizagem é para Freire uma ação transformadora do ser humano, entrelaçada por ingredientes emocionais, afetivos e motivacionais; o diálogo professor/aluno é o condutor desse processo. Freire (1987) insiste que o diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização, sendo o movimento constitutivo da consciência que abrindo-se para infinitude, vence

intencionalmente as fronteiras da finitude e busca reencontrar-se além de si mesmo.

Voltando às entrevistas, com a quarta questão: *Em termos de informação e de educação: que diferença há em pesquisar na Internet, nos livros ou em revistas para você?*–, procurou-se relacionar informação e educação num só momento, para entender como os alunos percebem os diversos meios de informação.

A entrevistada 3 fez uma revelação interessante ao dizer que *“a Internet traz facilidades, você pesquisa, no computador mesmo você lê, você têm conhecimento! No livro, não que ele dificulta, mas para conhecimento o livro é ideal. Você consegue se concentrar melhor, a trabalhar sua leitura, sua escrita, porque a gente lendo – se o livro é seu você pode rascunhar – obtêm esse conhecimento [...] a pesquisa na Internet se torna muito artificial”*.

Esta resposta leva a refletir sobre o que atrai tanto os alunos, quando dizem em facilidades e há também em sua fala uma aparente contradição sobre o conhecimento adquirido na Internet, pois no final da frase ela afirma que a Internet se torna muito artificial.

Não é difícil entender o que a entrevistada 3 quis dizer com *“artificial”*, pois a aluna dá a pista com a afirmação de rapidez, então procurou-se compreender dentro do contexto de velocidade e facilidade de busca. Para essa forma de processar as informações, Moran (2000, p. 19) diz:

Atualmente, cada vez mais processamos também informação de forma multimídica, juntando pedaços de textos de várias linguagens superpostas simultaneamente, que compõem um mosaico impressionista, na mesma tela, e que se conectam com outras telas multimídia.

A Internet tem mesmo essa característica de criar por meio de *sites* de busca, uma infinidade de possibilidades sobre um mesmo tema, ou mesmo palavras-chaves. Nesse sentido, há uma nova contribuição de Moran

(1998, p. 148), que faz refletir sobre esse sentido de conhecimento, que a aluna expressa anteriormente:

A construção do conhecimento, a partir do processamento multimídico, é mais 'livre', menos rígida, com conexões mais abertas, que passam pelo sensorial, pelo emocional e pela organização do racional; uma organização provisória, que se modifica com facilidade, que cria convergências e divergências instantâneas, que precisa de processamento múltiplo instantâneo e de resposta imediata.

Acredita-se que essa "liberdade" associada à rapidez com que se processam as informações via Internet permite aos alunos uma sensação de facilidades e quem sabe de artificialidade, como disse a entrevistada.

Os seres humanos convivem com o desenvolvimento tecnológico desde os primórdios da civilização. Para Castells (1999) "a tecnologia não determina a sociedade, incorpora-a, mas a sociedade também não determina a inovação tecnológica: utiliza-a".

Para o entrevistado 5, pesquisar em livros, revistas e Internet têm uma ampla diferença, pois: *"pesquisar na Internet hoje em dia sai mais detalhado. Na revista eles dão tópicos aí você tem que raciocinar e complementar com mais coisas"*.

Essa afirmação ajuda a complementar a idéia de facilidade com que os alunos vêm a Internet. Como se uma pesquisa por este meio, talvez nem sempre necessite de raciocínio, confirmando, portanto, a idéia de algo "pronto".

O entrevistado 6 completa esta idéia e toca num ponto ainda mais crítico quando se fala em pesquisa via Internet, ao afirmar: *"a Internet é mais ampla, tudo o que você procura você acha [...] Eu vejo um problema de pesquisar na Internet, muitas vezes a gente 'peca' pela comodidade, de pegar aqui, colar ali e entregar para o professor. Isso é um problema"*. Esta é uma discussão que tem acontecido com freqüência em escolas em todos os níveis. É uma questão que passa pela ética, pelos direitos autorais e, ainda mais, pela discussão dos projetos de ensino que valorizam os conteúdos.

Esta mesma afirmação também é compartilhada pelo entrevistado 10, ao afirmar que *“isto é um mal da Internet”*, quando se refere à facilidade de copiar e colar. Entende-se que o aluno se isenta desta atitude, pois o *“mal”* está na Internet e não na atitude consciente desses alunos.

Meditich (2003) desenvolve uma reflexão importante ao analisar o papel da educação relacionando-a em tempos de novas tecnologias. Criar, pensar, criticar, questionar, interpretar sobre uma realidade concreta, pois, não se faz uma construção num mundo teórico, mas na prática vivenciada, reconhecida sobre seu meio e existência.

Este parece ser o principal papel de educadores e professores no contexto atual, pois é preciso mediar a realidade que vivemos e o mundo virtual. Cada vez mais a presença do professor deve ser valorizada nesse sentido, capacitando os alunos a lidar com a informação e a partir desta aprender a aprender. Cabe ao professor este processo de aprendizagem cognitiva, valorizando este momento dentro ou fora da sala de aula.

Meditich (2003) completa dizendo que este discurso foi muito debatido por Freire em quase todos os seus argumentos. Essa mesma compreensão de mundo, em que a interpretação é uma realidade mais próxima e capaz de entendimento, as relações entre fatos e existência, entre o que compromete direta e indiretamente, faz das leituras do cotidiano um olhar diferente e jamais passivo na nossa realidade histórica. Essa contribuição de Freire abre a possibilidade de assimilar nossa existência e nossa interferência promovendo mudanças necessárias na sociedade. Seguir esse conceito fundamenta a razão educativa.

Vários autores entendem a importância dos diversos meios de comunicação na sociedade atual. Vivemos nos últimos 50 anos sob forte influência da televisão e o poder que suas imagens produziram. Segundo Bruner (2001), aprendemos os significados através da imagem. Assim, certas *“imagens falam mais que mil palavras”*, mas estas palavras têm significados relativos ao que procuramos e de certa forma estão também

condicionadas a crenças e opiniões relativas a cada fato. Hoje, a Internet tem grande relevância em toda a sociedade, prevalecendo no meio acadêmico como importante meio de pesquisa e informação.

Para os entrevistados 10 e 11, a prática do copiar e colar aparece com uma síntese que acreditamos ser relevante em todo esse processo, quando apontam para um pensamento ambíguo sobre a Internet, afirmando: “*a Internet pode ser bem usada ou mal usada*”.

Esta informação muitas vezes não é processada pelos alunos, isto é, não é analisada, inter-relacionada, operacionalizada em termos de contestação. Vale a pena lembrar das três perguntas que Burniske (2002, p. 106) recomenda fazermos diante de web:

- Que indivíduo, organização ou instituição criou este documento (*Ethos*)?
- Qual “argumento” é apresentado por este documento? É lógico e coerente (*Logos*)?
- Como este documento tenta persuadir seus leitores através de apelos emocionais (visuais, auditivos ou textuais) (*Pathos*)?

Na análise de conteúdos expressos na *web*, tomar por referência seu *Ethos*, *Logos*, *Pathos* na busca de significado, seja nas imagens, escritos, argumentações orais. Para Burniske (2002), seria uma saída para se resolver o analfabetismo funcional da *web*. Tudo o que se tem genericamente por web é um misto desencontrado, informações desconexas e cheias de oportunismos. É bem verdade que se têm ótimos trabalhos, teses, excelentes comunidades virtuais, etc., mas não há como acertar uma avaliação se não considerar os três pontos propostos pelo autor. Desenvolver uma ampla crítica no mundo virtual e romper com a dependência da isca do *Pathos* em tudo que se vê, significará um ser dotado de condições mais atuantes, e um leitor mais crítico, seletivo, reconhecedor de verdadeiras oportunidades.

Na análise recomendada por Burniske (2002) do *Ethos*, *Logos*, *Pathos de uma mensagem* da web, a intenção de uma avaliação crítica perde seu significado quando existe a dependência de um orientador ou a

submissão ao apelo visual, rico em cores ou ícones animados. Isso aponta a fragilidade de se ler em um horizonte maior de significados. Podemos considerar o trabalho de Burniske como um alerta de que ninguém é tão esperto, e hoje em dia; mais do que nunca em toda história, o homem corre o risco de ser um simples produto industrializado pelo sistema, moldado pela situação e ilusão pragmática sobre um núcleo maior de referência e mais profundo da *world wide web* – *que significa, rede de alcance mundial*. É preocupante, quando avaliamos o analfabeto funcional em suas relações na sociedade, diante da expansão da Internet, ele simplesmente segue a mesma regra, ou seja, aprendeu a ler, a codificar elementos gráficos, até visuais, mas não a pensar para além das regras aparentes que ligam os elementos gráficos, de uma forma geral.

Algo que se pode considerar são as crenças no interior das emoções humanas, elas retardam um pensamento mais lógico, mais exponencial de conteúdos e questionamentos.

Esta idéia também encontra em Freire (1977) um aliado, quando enfatiza que a educação é comunicação, é diálogo, na medida que não se resume à simples transferência de saber, mas em um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. Nesta crítica percebe-se a importância de se discutir os conteúdos traçados pelos professores e a forma como serão apreendidos pelos educandos.

Dando seqüência as entrevistas, procurou-se entender a relação entre a Internet e a educação na concepção dos alunos, passando pelo processo de pesquisa. Para isso questionou-se: *A Internet é apontada como o veículo que mais transmite informações. O que você acha da Internet para a educação e para a pesquisa?*

Quase em sua totalidade os alunos apontaram a Internet como muito importante para a educação, mas quase não conseguiram dizer o porquê dessa importância. Faltou maior reflexão. Só conseguiram repetir que é sem dúvida importante para a educação.

O entrevistado 5 afirmou que: *“a Internet para a educação é bom, mas não muito, porque também ajuda os alunos a ficar com mais preguiça de ler mesmo para poder orientar bem. Para pesquisa às vezes, a gente lê uma parte, corta uma parte aí, passou”*. Fazendo sinal de certa rapidez.

Avaliando a importância da Internet na vida de cada entrevistado, a sexta pergunta foi esta: *Qual a importância da Internet para você nos dias de hoje?*

Todos reconhecem a importância deste meio, reafirmando a agilidade, facilidade, comodidade, ou seja, os atributos que apontam características de conveniência da Internet.

O entrevistado 11 estabelece uma relação entre a Internet e o mercado de trabalho, afirmando: *“hoje as crianças já ‘nascem’ mexendo no computador, ou seja, quem não tem acesso à computação, a Internet, praticamente já está descartado no mercado de trabalho”*.

O entrevistado 5 complementa dizendo que a Internet é *“de grande importância, pois além de conversar a longa distância, consegue-se pesquisar coisas inacreditáveis”*.

Este discurso dos alunos evidencia uma importante motivação com relação a este meio de informação e ainda sua penetração em todas as idades. Cabe à escola e ao professor refletir sobre esta importância, não deixar que os alunos sejam contaminados com um “endeusamento” da Internet. Mas, sem dúvida, os alunos chegarão às escolas cada vez mais cedo com habilidades computacionais distintas, uns mais, outros menos, mas cada vez mais integrados a essa nova realidade tecnológica.

Moran (2000, p. 29-30) afirma que:

A aquisição da informação, dos dados, dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer, hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor – o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los.

O professor surge como mediador e participante do processo que envolve os alunos lidando com a informação, de forma crítica. Ampliando essa discussão, Masetto (2000, p. 133) pondera que em “educação escolar, por muito tempo – e eu diria mesmo, até hoje –, não se valorizou adequadamente o uso de tecnologia visando a tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficiente e mais eficaz”.

Acredita-se que isto acaba com o mito alimentado pelos pais ao afirmarem que seus filhos conhecem mais que os alunos de antigamente. Sem dúvida, como afirma Moran (1998), todos nós hoje temos acesso a uma grande quantidade de informações, mas isso não se traduz naturalmente em conhecimento.

Para analisar a questão da aprendizagem dentro desse novo contexto tecnológico, ou seja, a relação do conhecimento via Internet, perguntou-se: *A Internet contribui para sua aprendizagem? Você pode explicar isso? Lembra-se de alguma coisa interessante aprendida na Internet? Fale-nos sobre essa aprendizagem?*

A relação entre aprendizagem e Internet parece traduzir o que diversos estudiosos da educomunicação escreveram. A maioria dos alunos diz aprender com a Internet, mas confunde muitas vezes esta aprendizagem, pois acabam não se lembrando do que aprenderam, fazendo lembrar a pedagogia tradicional, em que eram valorizados os conteúdos decorados pelos alunos.

O entrevistado 5 disse que a Internet contribui sim, mas tem dificuldade em dizer o que aprendeu com ela e finalmente fala sobre a Segunda Guerra Mundial como um assunto que lhe desperta interesse.

Para o entrevistado 6, há uma grande contribuição da Internet para sua aprendizagem, pois: “lembra-se de muitos trabalhos interessantes” e diz que hoje *“realiza 99% das pesquisas que faz, via Internet”*, mas demonstra também muita dificuldade de lembrar-se de algum assunto que tenha aprendido via este meio, lembrando, posteriormente, *“de um trabalho sobre violência no trânsito de Maringá”*.

Fazendo uma crítica à pedagogia tradicional nos novos tempos tecnológicos, o professor Litto (1996, p. 1), coordenador na Escola do Futuro da Universidade de São Paulo, analisa:

A sociedade mudou muito nas últimas décadas, mas a educação formal continua essencialmente inalterada: continuamos a confundir um amontoado de fatos com o conhecimento (veja o vestibular brasileiro); a ignorar os estilos individuais de aprendizagem de cada aluno; a exigir uso apenas de memorização e não de capacitações cognitivas de alta ordem como interpretação, julgamento e decisão; a exigir "respostas corretas", quando o que é realmente importante é saber achar a informação necessária, na hora certa para tomar uma decisão e saber fazer as perguntas certas. O meu grande pesadelo dos últimos tempos é ver um Brasil daqui a vinte anos, com milhões de trabalhadores sentados diante de computadores ligados a redes internacionais, e por não terem aprendido a fazer as perguntas certas, levam dez vezes mais tempo do que o necessário para achar a informação exigida.

Esta análise reforça o que pensam diversos educadores críticos ao excesso de conteúdo, sem a qualidade necessária para a reflexão dos mesmos, não garantindo um ensino que leve à autonomia.

A entrevistada 3 fez uma reflexão mais abrangente e comentou que: *“contribui com sua aprendizagem sim. Em sala de aula o professor te ensina a caminhar. Tudo o que a gente aprende ali não é suficiente. Com os tópicos que a gente aprende, eu tenho o costume de estar sempre entrando nos sites, verificando, buscando sobre aquele assunto”*.

Dentro de sua fala nota-se outro problema que parece ser um dos maiores desafios dos professores, que é a fragmentação do ensino. Isto aparece quanto à entrevista 3 diz: *“com os tópicos que a gente aprende”*.

Com a pergunta 8 procurou-se entender como os alunos fazem suas pesquisas na Internet, com se utilizam desse importante meio em suas pesquisas, pedindo: *Descreva a utilização da Internet como ferramenta de pesquisa acadêmica. Como se dá esse processo? Como você utiliza a Internet em suas pesquisas?*

O entrevistado 6, ao descrever o processo, afirma: *“pegar o conteúdo que o professor pede e depois buscar coisas novas, mais, ir além*

do que o professor pede". Ele acredita alcançar estes conteúdos por meio dos sites de busca, onde *"pega os dados da pesquisa e faz a filtragem e elimina o que não é útil pra você"*.

A entrevistada 3, diz usar bastante a Internet. Tem arquivado na ferramenta "favoritos" do computador sites específicos para pesquisa. Como fonte inicial, usa o Google. Faz os levantamentos e salva. Diz gostar de imprimir para fazer a leitura. Neste momento, ela lembra-se do copiar e colar e mais do que denunciando esta prática, parece tentar alertar, quando diz, sobre sua forma de pesquisa: "não ficar simplesmente no Control C Control V, não!".

Nesse contexto, Tondato, Jacob e Temer (2004, p. 8) fazem uma crítica contundente à forma utilizada por professores ao pedirem pesquisa aos alunos:

muitos educadores optam por seguir uma solução simplista de trazer e usar informações fornecidas nos veículos de comunicação de massa para construir ou reforçar informações repassadas em sala de aula.[...] No caso da Internet, a solução "criativa" é propor um trabalho de pesquisa. No entanto, não são poucos os casos em que essa pesquisa torna-se mera "impressão" de textos, às vezes entregue ao professor com total desconhecimento do seu conteúdo.

O entrevistado 5 procurou retratar o processo de pesquisa de forma bem objetiva, afirmando: *"baixo tudo o que é ligado ao assunto e aí eu vejo, leio mesmo e separo o que acho mais importante para o meu conhecimento"*. Continua dizendo que faz o resumo do que encontrou lá e entrega para o professor.

O entrevistado 9 segue basicamente o mesmo que seus colegas anteriores afirmaram e também *"lê o trabalho inteiro, faz um resumo, tira partes que interessa e fecha o assunto"*. Este mesmo aluno, completa: *"tem matéria que você faz só 'aquele' pouquinho e está bom"*.

Isso que os alunos narraram, parece que é feito de forma bem mecânica, não diferente do que era feito nos tempos das enciclopédias! Ao me deparar com esses depoimentos, a imagem que vinha a minha mente

era do trabalho que nos obrigávamos a fazer na época do antigo 1º e 2º graus, copiando e resumindo as enciclopédias – Barsa, Conhecer, Mirador e tantas outras – para as mais diversas disciplinas.

Isso demonstra importância e pede para os professores repensarem, pois mudaram os tempos, novas tecnologias foram inseridas, mas velhas práticas continuam presentes. Falamos numa atitude conjunta, num esforço de todo o grupo, quem sabe de toda a escola orientada por um projeto político pedagógico preocupado com o conhecimento e a autonomia dos alunos.

Procurando compreender como acontece na prática o trabalho de pesquisa acadêmica, o que os alunos pesquisam em termos de conteúdo, como se dá esse processo de pesquisa, perguntou-se aos alunos: *Como você faz seus trabalhos? Geralmente, vai além do que foi pedido pelo professor?*

O que foi percebido é que os alunos de certa forma ficam basicamente no conteúdo pedido pelo professor. A pesquisa é feita com o auxílio de *sites* de busca na Internet, em que o Google é citado várias vezes. Após a busca pelo assunto da pesquisa, são selecionados diversos *sites*, que eles dizem utilizar os mais “úteis”. Os alunos dizem ler os conteúdos destes *sites*, fazem um resumo e entregam ao professor a pesquisa.

Os entrevistados 3 e 6 demonstraram ir além daquilo que foi pedido pelo professor, muitas vezes, por interesse próprio ou por aproveitar para conhecer além do que foi estabelecido. O entrevistado 6 afirma que vai além, mesmo não colocando no trabalho de pesquisa, pois tem interesses profissionais.

Não foi percebida nos discursos dos alunos nenhuma prática diferente da aprendizagem mecânica que está inserida no contexto escolar atual: *site* de busca, inserção de um assunto, seleção das centenas de opções de *sites*, leitura e resumo desses conteúdos. Imprime-se e este

trabalho é entregue ao professor. Uma palavra que chamou a atenção e a forma como ela se repete no discurso dos alunos é o resumo.

O Professor Pedro Goergen (2007, p. 1), em seu artigo sobre a universidade faz uma crítica que merece ser considerada:

A educação não deveria ser uma forma de as pessoas se perderem como sujeitos, mas de se encontrarem como tais. O estudo precisa inserir-se no restante da existência, nas demais dimensões do ser pessoa no mundo com os outros. Inserir-se, portanto na dimensão social, ecológica, moral e estética da vida. O estudo não precisa só juntar conhecimentos e ensinar habilidades úteis profissionalmente, mas ajudar a pensar mais claramente, a sentir mais profundamente e a agir mais humanamente.

A pergunta que fazemos como educadores é sobre o quanto esses alunos conseguiram reter dessas informações? Relacionar informações, representadas de diferentes formas e construir uma argumentação consistente para se chegar ao conhecimento. Esta vivência é importante para os alunos, ao relacionar informações com seu cotidiano, ele constrói como diz Freire, cria significados.

Na prática o que chama a atenção é que nenhum aluno fala que produziu algo com este trabalho de pesquisa, ou seja, produzir uma linha de argumentação com base na coleta de informações. Isto vem ao encontro do que é criticado em diversas escolas e faculdades, por causa da mera preocupação conteudista, em que se mede o grau de importância da disciplina pela quantidade de conteúdo proposto.

No final da pesquisa procurou-se, de forma descontraída, descobrir quais assuntos despertam interesses nesses alunos, o que eles querem aprender mais nos dias de hoje, e para isso, questionou-se: *Atualmente, tem algum assunto que desperta seu interesse? O que você está querendo aprender mais hoje? Onde você teve contato com esse assunto pela primeira vez?*

Os entrevistados 6 e 8 responderam que se interessam pelo assunto referente ao aquecimento global, demonstrando estarem atualizados nesta questão, e também preocupados. Sem dúvida, este

assunto tem tomado grande parte das principais manchetes de jornais, telejornais, Internet e revistas de todo o mundo. O entrevistado 8, diz se interessar no assunto também por causa da questão ambiental, pois trabalha com agricultura.

Os entrevistados revelaram certa dificuldade em dizer o que lhes desperta interesse, demorando em responder a pergunta. Para os entrevistados 1, 5, 7 e 9 suas repostas ficaram mais genéricas, pois não souberam particularizar, ou seja, de forma abrangente responderam, respectivamente, que seus interesses são: empresas, sociedade, matemática e tecnologia. Com exceção do entrevistado 9, todos tiveram contato com o assunto na faculdade.

Já a entrevistada 3, exibiu interesse por um assunto mais específico, que é marketing social. Após freqüentar uma palestra – na semana de marketing – proporcionada pela faculdade, se interessou pelo assunto e tem procurado mais informações pela Internet.

Com relação à compra de livros e interesse em uma biblioteca própria, os alunos declararam não comprarem livros, respondendo até com certa surpresa pela forma como foi colocada a pergunta, que fala com relação ao “investimento” na compra e, conseqüentemente, na leitura destes livros. Isto leva a refletir sobre o quanto é importante para professores e educadores em seu diálogo com os alunos e em sua prática em sala de aula manifestar interesse em conhecer o que estão lendo, se estão lendo e se não, incentivá-los a leitura de livros.

O entrevistado 7 foi o único que declarou ser assinante de uma revista, que no caso a citada foi a Você S/A, da editora Abril.

Os resultados obtidos são compatíveis com o que vem sendo discutido muito no Brasil, principalmente, nos últimos 20 ou 30 anos, ou seja, no período de uma geração inteira, sobre o pouco hábito de leitura de livros. Esta mesma questão também aparece na primeira fase da pesquisa. Acredita-se que este é um grande desafio aos educadores, pois a leitura de livros deve ser encarada como prioridade na formação dos acadêmicos,

diferentemente do processo de informação rápida que motiva muito os alunos em suas pesquisas com o auxílio da Internet.

Em um artigo no jornal Folha de São Paulo (2005), Batista Jr. defende o livro, dizendo:

Em editorial recente, intitulado "Livros em baixa", a Folha comentou o declínio das vendas de livros no Brasil. Em 2004, a quantidade vendida foi inferior à de 1991. O brasileiro adquire, em média, apenas 2,5 livros por ano, incluindo os didáticos. Lamentável. O livro é insubstituível como instrumento de transmissão de conhecimento e valores. As formas alternativas -artigos, palestras, mesmo aulas- não chegam nem perto. Só com o livro é que se consegue realmente sustentar e desenvolver argumentos, comprovar ou refutar teses.

Os dois meios – livro e Internet – devem se complementar, pois a Internet tem características importantes, que envolvem a velocidade, a rapidez e o universo abrangente por onde podemos nos deslocar, mas o livro tem sua leitura no “tempo” certo, de cada aluno ou professor, com maior ou menor envolvimento.

Bruner (2001, p. 124) faz uma advertência apropriada sobre essa questão de velocidade e da busca por informações muito comum no discurso dos alunos entrevistados, quando diz:

Ser capaz de “ir além das informações” dadas para se “descobrir coisas” é uma das poucas eternas alegrias da vida. Um dos grandes triunfos de se aprender (e de se ensinar) é organizar as coisas em sua cabeça de uma forma que permita que você saiba mais do que “deveria”. O inimigo da reflexão é a velocidade arriscada – as mil imagens.

Neste contexto é que se percebe a importância desta pesquisa, trazendo para discussão, a forma como estamos todos nós envolvidos no processo de educação desses novos tempos, entendendo o ensino superior da mesma forma dinâmica como se comporta a sociedade, seja por meio da realidade virtual ou do dia a dia na prática em sala de aula.

Há autores que indicam que as condições essenciais estão no professor, na sua ação de ensinar, ressaltando que métodos apropriados seriam eficientes para o êxito dessa ação. Outros entendem que o ponto

essencial nesse processo está no conhecimento do aluno e no atendimento aos seus interesses e necessidades.

Cabe ao professor o desafio de transformar sua prática pedagógica de modo a garantir um espaço de interação em que haja a possibilidade de participação e troca de todos os alunos, sem privilegiar apenas aqueles que se destacam nas iniciativas ou na verbalização. É fundamental nessa interação que o professor assuma o papel de um interlocutor mais experiente, contribuindo efetivamente para que todos os alunos, indistintamente, consigam apropriar-se dos conhecimentos essenciais da etapa escolar específica em que se encontram, tendo consciência de que cada momento de ensinar-aprender é um passo importante para a interiorização do saber sistematizado, historicamente acumulado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este texto, pretendeu-se reafirmar um tema que tem sido pensado e discutido por diversos educadores, psicólogos e filósofos da educação. A sala de aula é um importante lugar para se aprender, para se ensinar e para aprender e ensinar.

A sala de aula é ideal para se tratar questões tão complexas como as que são colocadas para discussão: a ação do professor frente às questões da cultura, da ética, do trabalho e da tecnologia.

A sala-de-aula, como sendo o lugar de contradições, objetivos, paixões, conquistas. É dessa complexidade que deve se valer a educação. Não é mais possível entender a escola como um ambiente de disciplinas fragmentadas, como tem sido. Cada vez mais, a especialização conduz ao esquecimento do todo, da visão global que deve permear a educação de todo ser humano e de sua formação como indivíduo/espécie/sociedade.

Edgar Morin (2000) alerta frente a esta discussão e propõe uma escola onde questões como: cultura, raça, ética, identidade, estejam articuladas em conjunto com as disciplinas tradicionais. Pois, o homem é um ser complexo e a interação desses temas ajuda a repensar o ser. Aí, aprende-se com a vivência em conjunto com a reflexão teórica – e todos crescem enquanto pessoas.

Os professores precisam estar preparados para o enfrentamento de tais questões, que muitas vezes acontecem na sala de aula de forma involuntária ou provocada pelos próprios professores. Quando Burniske (2002) escreve que informação não é conhecimento, basicamente ele nos diz que toda informação deve ser utilizada, processada, industrializada, vivida para atingir o grau exato do que seja realmente conhecimento.

A ação do professor é uma ação de formação permanente, como defende Antônio Nóvoa (1992). O professor deve se entender como

profissional da educação e se preparar para a discussão em sala de aula de questões tão complexas como estas. Manter-se atualizado sobre novas metodologias de ensino e desenvolver práticas pedagógicas mais eficientes são alguns dos principais desafios para o educador nos dias de hoje.

Atuando há 25 anos como professor e há oito anos vivenciando a experiência em uma escola com alunos especiais – portadores de paralisia cerebral e outras deficiências graves – acredita-se que a escola e mesmo os professores devam estar preparados para derrubar as muralhas que ainda existem entre sociedade/escola/ aluno/ensino-aprendizagem. É preciso uma ação do professor que resgate os alunos para a vida, ou como diz o prof. Adriano Ruiz, para que todos possam encontrar a felicidade.

A história da educação tem mostrado que as escolas, ao longo dos últimos anos, ou melhor, séculos, serviu como formadora de mão-de-obra para os diversos sistemas de produção vigentes, formando pessoas para o mercado de trabalho.

Hoje, é claro que um tema como o trabalho é importante e pertinente, mas a escola e o professor necessitam ir além dessa formação limitada para o mercado de trabalho. É preciso ter competências para formá-lo para a vida, de forma mais ampla. Não é mais concebível, por exemplo, formar um doutor em medicina, ou em odontologia que só veja um corpo ou uma boca como forma de satisfazer suas necessidades pessoais e econômicas. É preciso formá-los com capacidade para enxergar de forma mais humana sua prática social. Entende-se a educação como um processo de formação social, de construção da cidadania.

O professor é fundamental nesse processo de compreender a realidade social não como mera fatalidade, mas como fruto das discrepâncias impostas pela sociedade geral e de forma crítica participar do desenvolvimento e formação social.

Percebe-se por meio das respostas dos alunos na pesquisa realizada, que estes revelam condicionamento a um modelo de pesquisa acadêmica via Internet, que reproduz o mesmo modelo antigo de pesquisa

via enciclopédias: o aluno seleciona o assunto, encontra um determinado número de textos e daí cria um “resumo” que será entregue ao professor como um trabalho “pronto”.

Critica-se esta prática, pois do ensino dependem a aprendizagem e o desenvolvimento social. O ensino tem que priorizar a reflexão, a análise, o entendimento. Isto não foi percebido nos comentários dos alunos pesquisados, principalmente, pela dificuldade de responder – de forma praticamente unânime - o que haviam aprendido na Internet ultimamente.

Esta dificuldade em lembrar-se, constatada com a pergunta *“lembra-se de alguma coisa interessante aprendida na Internet?”* é muito semelhante à crítica que diversos autores fazem à pedagogia tradicional, quando os conteúdos estão vinculados ao ensino fragmentado, compartimentado nas disciplinas; a prioridade são as regras, fatos, definições e o acúmulo de informações desvinculadas da vida dos alunos; o caráter mais enciclopédico privilegia a memorização e a padronização.

Ensino implica entendimento e não memorização mecânica. A qualidade do entendimento depende, em boa medida da qualidade da mediação feita pelo professor. Esta pesquisa ratifica a importância da mediação professor/conteúdo/aluno, principalmente, pela preferência dos alunos por pesquisa via Internet, que é uma ferramenta facilitadora, sem dúvidas, mas que precisa ser avaliada de forma crítica por professores e alunos.

Mais que facilitador, o papel do educador é ensinar. Importante que haja uma seqüência, que contemple para além da sala de aula, para que o aluno possa abstrair esse conhecimento.

O professor deve se empenhar em motivar seus alunos de tal forma que a pesquisa seja incorporada normalmente ao ensino, pois com isso o professor se aproximará mais do aluno passando a se envolver com as questões do ensino e da aprendizagem.

No caso da pesquisa via Internet, propõe-se aos professores utilizarem de um modelo criado por Burniske, “Avaliação de um documento da Web” (Anexo 1). Este modelo está dividido em três partes: I): Ethos, autoridade; II): Logos, conteúdo; III): Phatos, os aspectos visuais (e técnicos) do *web site*. Este modelo poderá contribuir ao início de uma reflexão sobre o processo de pesquisa e na mediação do professor

Perrenoud (2000) faz refletir quando propõe as dez competências que o professor precisa ter para ensinar. Este processo é uma busca incessante por novas descobertas. O professor em sua ação, assim como o aluno e como deve ser a escola, deve estar em constante reflexão. Reflexão para a ação.

Como ensina Guedin (2002), educação e reflexão andam juntas, por isso a escola desenvolve papel importante na sociedade. É dela a função de sistematizar os conhecimentos, mas não fragmentá-los. Estes conhecimentos não são e não devem ser isolados de uma realidade social.

Ao professor cabe a responsabilidade de coordenar, organizar e ensinar dentro deste amplo universo, no qual percebe-se ainda ter, enquanto educadores, muito a avançar. Portanto, ao investigar a importância da comunicação na construção do conhecimento e a presença de Internet no dia-a-dia de acadêmicos percebe-se a atualidade desta pesquisa e o quanto ela não se esgota aqui.

Saber ser ético, entendendo seu papel social como exemplo para os alunos na formação do conhecimento, sem ser um mero reproduzidor de conteúdos. Conhecer culturas e entendê-las conforme a diversidade que o mundo coloca. Entender a sala de aula como única, respeitando a identidade de cada aluno em seu processo de desenvolvimento e cidadania. Não é regra que toda sala de aula seja igual, portanto, nem todo conteúdo pode ser igualmente trabalhado.

Lembrando Paulo Freire, para quem, educar é um ato de amor, a ação do professor deve estar concentrada em uma ação transformadora, voltada para um projeto de construção de vida de seus alunos, tanto social

como profissionalmente; organizado e avaliado diariamente, sempre de forma reflexiva, entendendo que amanhã poderemos ser ainda melhor do que hoje.

É preciso rever o conceito de sala de aula para estes novos tempos. Não se faz mais necessário um laboratório de informática, quando não se fala mais apenas do ensino técnico da informática, mas do ensino global de todas as disciplinas. Do ensino multidisciplinar com os meios comunicacionais, pois o fenômeno da comunicação envolve a todos e a todas as disciplinas. É preciso repensar a metodologia de ensino, o que parece constituir um dilema dos novos tempos para a educação.

Este estudo leva a acreditar que a forma como os alunos conduzem suas pesquisas acadêmicas, ou mesmo se formam como acadêmicos, deve ser revisto como uma atitude ética. Esta não depende de cada um, isoladamente, mas de uma participação efetiva de todos os professores. O diálogo entre o professor e aluno implica responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina e objetivos, que são permeados por intenção consciente, clara e objetiva por todos os envolvidos no processo de formação.

Porém, uma crítica em particular deve-se fazer a estrutura das escolas e faculdades, as quais atendem mais aos interesses econômicos e ideológicos do que aos de ensino aprendizagem. Novamente, entra-se em uma discussão que passa pelo projeto pedagógico de cada instituição. É preciso saber que tipos de alunos querem formar? Essa é a principal pergunta que cada escola deve se fazer!

O aluno hoje aprende muito rápido e, desde pequeno, a utilizar as novas tecnologias. Nesse contexto, não cabe mais às faculdades querer ensinar-lhes de forma adestrada as novas técnicas. Não que seria abandonado o ensino instrumental, mas é preciso um envolvimento maior multidisciplinar, no qual todos os professores possam utilizar os recursos disponíveis para a mediação entre informação, para que haja um processo de conhecimento.

Portanto, não se propõe o uso da Internet somente como um projeto de informática educativa, mas sim, como um projeto de aprendizagem, pelo uso desse meio comunicacional, desenvolvido por todo um grupo de professores que entendem que pesquisar é uma atividade mais complexa do que simplesmente buscar um assunto, imprimi-lo, “pronto” e entregá-lo ao professor.

Isto não acontece em uma hora marcada dentro de um laboratório, mas sim, todos os dias e a todo o momento na sala de aula. Por isso, a importância da nova dimensão de sala de aula, de termos os recursos disponíveis a todo o momento em sala, onde diante da situação necessária, se dará a aprendizagem, e esta se ampliará pela pesquisa educacional, por meio de Internet ou qualquer outro apoio tecnológico.

Assim, as competências serão desenvolvidas, porém, utilizadas de forma adequada, mediadas por um professor *in loco*, no momento presente. Dessa maneira, o professor poderá alcançar esse grupo de alunos, orientando-os no caminho certo, sem desviar de seus objetivos curriculares. Este momento poderá ser chamado de efetiva educação colaborativa, pois chegarão todos ao que é de interesse naquele momento. Com essas modificações, a escola será mais motivadora e interativa, se aproximará tanto de novas como antigas gerações, pois para o ensino não há barreiras. A proposta de aprendizagem é melhor percebida em alunos motivados, curiosos, capazes, ultrapassando o muro das escolas – via Internet, ou qualquer outra tecnologia – indo muito além de um conteúdo limitado.

Ao encontro dessa visão, o Governo Federal, no Brasil, está em processo de finalização de um projeto de implantação de computadores pessoais – *laptops* – em escolas públicas, como podemos ver nesta notícia no site do ministério da ciência e tecnologia:

O governo federal vai decidir até abril se irá comprar 1 milhão de computadores portáteis educacionais da empresa taiwanesa Quantas, uma das maiores produtoras mundiais de notebooks [...] A entidade concebeu essas máquinas como uma revolucionária ferramenta de

aprendizagem talhada para iniciar no mundo digital as crianças de escolas públicas de países pobres (BRASIL, MCT, 2007).

O prazo inicial proposto pelo Governo Federal para a implantação desses computadores na escola pública era abril de 2007, porém, até o momento não foi colocado em prática. Não se sabe exatamente como funcionará, nem como serão recebidas essas inovações na escola, mas, sem dúvida este projeto auxiliará e ampliará a discussão sobre novas possibilidades de utilização da Internet no desenvolvimento do ensino em todas as etapas. No reconhecimento e atenção que se deve dar aos meios de comunicação, suas linguagens e no modo como se transitará cada vez mais a informação e o conhecimento, como pensa o professor Adilson Citelli (2006), em seu artigo Comunicação, Educação e Linguagem.

Completando a notícia do Ministério da Ciência e Tecnologia, alguns dados são apresentados sobre a penetração da Internet no Brasil e demonstra o quanto isto impactará na educação nos próximos anos:

Para se ter uma idéia do impacto dessa estratégia, hoje apenas 4% dos brasileiros da classe D e 10% da classe C têm acesso à Internet, diante de 70% na classe A e 35% na classe B, de acordo com dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). As possibilidades no campo da educação são imensas. “Vão desde o acesso aos conteúdos de bibliotecas digitais do mundo inteiro até a possibilidade de fazer atividades em grupo por meio do computador. E isso sem falar na chance de levar o computador para casa e incluir as famílias no processo”, disse Negroponete. É previsível o surgimento de softwares pedagógicos talhados para esta nova plataforma (BRASIL, MCT, 2007).

Vê-se essas notícias com esperança e certa utopia, pois será possível ter uma maior democratização do ensino, se olhar de forma otimista para essas grandes transformações que estão por vir. Serão sem dúvida as maiores transformações, podendo ser comparada às mudanças ocorridas na sociedade após a Revolução Industrial.

Cabe à escola e, posteriormente, ao ensino superior preparar os alunos para esse avanço tecnológico, sem perder a dimensão de uma educação humanizadora, na qual o diálogo é peça fundamental no processo de aprendizagem, pois de que adianta lançar ao mercado de trabalho

peessoas com habilidades e competências voltadas para o uso dessas novas tecnologias, se os mesmos não conseguem ter uma visão crítica sobre o mundo, sobre o todo. A este papel do educador, Freire (1977, p. 53) traz uma contribuição importante, quando diz:

O papel do educador não é o de “encher” o educando de “conhecimento”, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando, educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos.

Parece ser essa complexidade a oportunidade de rever a tarefa da educação mais humana, de forma simples e sem menosprezar o progresso tecnológico. A Internet é, sem dúvida alguma, um meio de grande importância para alunos e professores, desde que pensada de forma crítica em todo seu contexto e suas informações, interpretadas e reprocessadas em busca do conhecimento. Nesse contexto, a escola tem papel importante, cabendo aos professores a ação de interpretar a realidade tecnológica com a humanização da educação, afinal somos seres humanos pensantes, críticos e educamos nossos alunos para a autonomia, como proposto por Freire.

Fazendo uma crítica à escola dentro desse cenário onde as novas tecnologias desenvolvem-se de forma rápida, Gómez (2006, p. 375) afirma:

Parece que por tradição ou buscando sua sobrevivência e preservação, a escola tem procurado se manter autônoma em relação ao desenvolvimento das tecnologias da comunicação e da informação. A escola tem se mantido sempre desvinculada dos acontecimentos sociais e políticos, tentando se preservar como uma espécie de comunidade mais ou menos fechada, crendo que assim vai poder sobreviver e manter seus princípios. Mas os meios e tecnologias de comunicação desafiam terrivelmente essa estratégia histórica da escola de permanecer impermeável ao que se passa ao seu redor e que diz respeito à sociedade em geral.

Pretende-se ampliar a questão sobre a formação dos professores universitários, não simplesmente colocando em discussão a questão de conteúdos próprios de cada disciplina, assim como a formação pedagógica e agora também tecnológica. A importância que as novas

tecnologias têm assumido diante dos professores, estudantes, ou melhor, da sociedade em geral.

A questão da pesquisa bibliográfica levantada por este estudo aponta a importância e atualidade sobre o tema, seja pela facilidade com que à Internet proporciona a busca de informações e que implicações isso trará num futuro próximo e a forma com tudo isso vem sendo abordado no mundo acadêmico. Como os professores estão se preparando para esses novos tempos?

Nesse contexto, as idéias de Paulo Freire se encaixam e contribuem para esta reflexão. Homem de origem camponesa e humilde, talvez tenha sido o primeiro educador brasileiro a preocupar-se com a questão da linguagem e do diálogo.

Da necessidade de atuar sobre a realidade social para transformá-la em ação que é interação, comunicação e diálogo. Freire está envolvido com educação desde 1946, quando começou a trabalhar no SESI – Serviço Social da Indústria. Em entrevista ao repórter Ricardo Kotscho, ele explica:

Foi me espantando e tentando compreender a razão de ser do espanto, que fui, na verdade, aprendendo, de um lado, a dialogar mesmo com a classe trabalhadora e, de outro, a compreender a sua estrutura de pensamento, a sua linguagem, a entender o que eu chamaria de terrível malvadeza do sistema capitalista. E fui me fazendo, na prática, um educador. E fui aprendendo, desde aquela época, a exercer uma prática de que não me afastei até hoje: a de pensar sempre a prática. De fato, pensar a prática de hoje não é apenas um caminho eficiente para melhorar a prática de amanhã, mas também a forma eficaz de aprender a pensar certo (FREIRE; BETTO, 1986, p.8)

A linguagem, o diálogo, enfim, a comunicação está definitivamente ligada à educação. O cenário tecnológico que se instalou nas comunicações hoje em dia, traz uma certeza de mudanças rápidas e constantes que estão por vir. Poderá a escola se manter alheia a estas inovações? A estes novos tempos? Certamente que não! A pesquisa realizada com um grupo de alunos comprova isto. Hoje, professores e

alunos estão envolvidos com diversos meios de comunicação, mas a Internet tem sido fundamental na busca de informações.

A escola também não poderá estar alheia aos meios de comunicação e às novas experiências que surgirão nesse mundo tecnológico, sejam elas via Internet, celulares, televisões ou games, ou seja, no mundo real ou virtual como afirmam Dimenstein e Alves (2003, p. 69), deve prevalecer à mediação do professor:

O professor só funciona se for um gestor de experiências, de curiosidades. E mais: a cidade deve ser incorporada à sala de aula. As aulas devem ser dadas também fora da escola, nos museus, cinemas, teatros, fábricas, oficinas.

Ao final deste estudo diversas reflexões foram propostas e outras ainda devem ser estudadas, pois o tema é bastante amplo, não se esgota aqui, com esta pesquisa. A Internet, enquanto meio comunicacional, possibilita pensar em novas formas de aprendizagem colaborativas, no processo de formação continuada de professores, na reflexão sobre a informática educativa, na comunicação integrada por rede e, porque não, em projetos político-pedagógicos adaptados a essa nova realidade.

Sobre esse mundo contemporâneo, Boettcher (2003, p. 70) faz uma reflexão importante e pertinente, não como um modelo, mas como uma síntese dessa discussão que deve ser estendida a todas as escolas:

Um mundo em permanente evolução requer que o indivíduo aprenda a conviver com as incertezas, com os desafios, com a transitoriedade, com o incerto, com o imprevisto e com o novo. Como preparar o indivíduo para viver na mudança e não querer apenas controlá-la? Isso requer ambientes de aprendizagem que desenvolvam a autonomia, a cooperação, a criticidade, além de muita criatividade e capacidade inovadora.

O desenvolvimento tecnológico não cessa aqui e, é pensando na formação do homem para esse novo mundo e abrindo novas possibilidades de aprendizagem e da própria educação em geral, que se dedica este estudo.

Boettcher (2003, p. 70) completa dizendo:

O aprendiz necessita aprender a pesquisar, a dominar as diferentes formas de acesso às informações, a desenvolver capacidade crítica de avaliar, de reunir e organizar informações mais relevantes. Criticidade implica ter condição de análise, de síntese, de reflexão, de isenção e de reconhecimento de seus próprios saberes.

O contexto tecnológico contribui para a adoção de uma postura dialógica, onde a atmosfera de sala de aula propicie o diálogo, levando os alunos a refletir sobre os “porquês” e os “comos” da ação, por meio de um processo de interação, de discussões, descobertas e transformações.

O professor pode problematizar, interpretar os seus alunos, ser elemento integrador e interlocutor, sistematizando assim os conhecimentos que fazem parte de um saber historicamente acumulado. Neste contexto, a ‘rapidez’ que os alunos apontam como principal característica para o processo de pesquisa atualmente, deve ceder espaço ao “tempo” de reflexão e entendimento e intervenção, permitindo aos alunos uma melhor capacidade de lidar com a informação e, portanto, aprender a aprender.

Caso contrário, o educador irá favorecer o fracasso escolar em qualquer nível por meio de ações de autoritarismo, que parte do pressuposto de que o saber é detido apenas pelo professor, no qual a participação e a contribuição do aluno não são incorporadas na prática pedagógica.

Conclui-se este estudo com a certeza de que a Internet como ferramenta de comunicação é também uma poderosa ferramenta de experimentação e de ampliação do diálogo, tanto para professores como para alunos. Portanto, um meio de encantamento em sua simplicidade e uso, propiciando uma nova vivência ao fazer a inter-relação entre o mundo virtual e o real.

Aos professores é necessário saber humanizar a ferramenta tecnológica, colocando o homem enquanto prioridade no processo de ensino, pois é esta a principal função da educação.

Outros trabalhos poderão contribuir para ampliar a investigação sobre a importância da comunicação na construção do conhecimento e

ainda a presença da Internet e outros meios como influência comunicacional no dia-a-dia de acadêmicos, pois como o contínuo avanço tecnológico é dinâmico e influenciador em todas as áreas da ciência.

5.1 Recomendações

Os meios de comunicação, em especial, a televisão, sofreram ao longo das últimas décadas consideráveis críticas por parte de diversos educadores, que por não saberem como lidar com este meio – televisão – geralmente, o culpavam por influenciar decisivamente os jovens na forma de perceber e de se expressar no mundo.

Acredita-se que nenhum meio de comunicação – e aqui se inclui a Internet – deve ser endeusado ou diabolizado, enquanto meio, pois todos eles de forma crítica merecem atenção, pelo conteúdo que transmitem seja de caráter político, ideológico ou mesmo cultural.

É preciso contextualizar uma informação, de tal forma que crie as evidências sobre a sua existência, experimentação, organização, direção e necessidade como conhecimento. Ao obter tal informação integradora, a criança ou adulto, reconhece com mais profundidade os seus fundamentos, realidade e atribuições.

Baccega (2003) afirma que apesar dos inegáveis avanços na ligação comunicação e educação, constatam a fragilidade das experiências, as suas contradições teóricas e metodológicas e o fato inquestionável de que a maior parte da sociedade se relaciona com os meios de forma menos problemática – não são vistos como problema – do que os educadores pensam.

Se considerar outras áreas de atuação, como por exemplo, engenharia, arquitetura, publicidade, geologia, mesmo medicina, percebe-se que todas avançaram com o advento do computador, da informática e, posteriormente, da Internet e o mundo virtual.

A educação não deve permanecer no ensino tecnicista, mantendo os laboratórios de informática ‘distantes’ das demais salas de aulas, como geralmente encontramos nas mais diferentes escolas, públicas ou privadas. Quando se pensa em educação para a comunicação não podemos mais admitir laboratórios ‘fechados’ ou a ‘hora certa’ para uso enquanto instrumento de informação e conhecimento. Como se o momento de pesquisa, do conhecimento devesse esperar o local “certo” e a hora da aula de informática para poder utilizar o computador e a Internet enquanto meio de pesquisa. O momento é a qualquer hora durante a aula, quando as dúvidas surgem e juntos, professores e alunos, apreendem, correm riscos, humanizam a relação de ensino-aprendizagem.

Isto faz recordar o tempo de colégio, quando os instrumentos tecnológicos mais expressivos eram apenas o giz e a lousa, pois o mimeógrafo e o retroprojetor ficavam na sala dos professores. Os professores ensinavam somente com uma única lousa, muitas vezes, com a participação de um único aluno se dirigindo à frente e escrevendo, fazendo os exercícios. Época em que eram feitas demonstrações aos alunos por meio de exemplos, num diálogo simples e direto entre professor e aluno. Os alunos se revezavam, orientados didaticamente pelo professor, na participação à frente de todos os alunos.

Isto é dito em defesa da tese da simplicidade, ressaltando que os professores devem sim utilizar os recursos tecnológicos que hoje são permitidos, por meio da instalação de um computador com acesso a Internet e uma tela de projeção, como uma ampliação da lousa, de forma que proporcione a todos um aprendizado natural, espontâneo, no momento preciso.

Dentro deste contexto, o professor deverá ser um facilitador do conhecimento, capaz de conduzir os alunos, orientando-os para selecionar e contextualizar as informações relevantes e processá-las em conhecimento. Para tanto este professor deve estar preparado para esse novo tempo. Para Gondim (2002), o perfil profissional desejável está fundamentado em três grupos de habilidades: a) as cognitivas, geralmente obtidas no processo de

educação formal, tais como raciocínio lógico e abstrato, resolução de problemas, criatividade, capacidade de compreensão, julgamento crítico e conhecimento geral; b) técnicas especializadas, tais como: informática, língua estrangeira, operação de equipamentos e processos de trabalho; e c) as comportamentais e atitudinais, como cooperação, iniciativa e empreendedorismo.

Em outras palavras poderíamos dizer que este profissional precisa de um amplo conhecimento e saber compartilhá-lo numa relação respeitosa e construtiva com seus alunos; de técnicas que o possibilitem saber fazer ou proceder partindo de um instrumento que pode ser potencializado pelo professor; e por fim ter atitudes em prol desse desenvolvimento constante, pois o conhecimento é dinâmico.

A esse respeito Baccega (2003) destaca que o ensino de qualidade continua a ser aquele que busca, através de projetos adequados, a inserção do aluno como cidadão crítico. O uso da tecnologia poderá favorecê-lo, ampliá-lo, mas sua ausência não implicará falta de qualidade.

Para Freire (1977), o caminho para a educação é humanizar e para que isto ocorra, o caminho é a dialogicidade. Ele dizia, “Para ser autêntico só pode ser dialógico”. É vivenciar o diálogo. Ele completa dizendo: “ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade”.(1977, p.43)

Todos os benefícios que se propõe com a Internet como meio de ampliação do diálogo, do conhecimento, do tempo e do ambiente de aula para a educação parece que deixamos de lado e continuamos cultuando o velho e bom computador, como se este fosse qualquer eletrodoméstico instalado em nossa escola. Cultuando de forma egoísta e limitadora, sem explorar suas potencialidades enquanto meio.

Há um deslumbramento quando os alunos se deparam com o mundo virtual. Ao abrir uma página de Internet se inicia uma relação de interatividade, de descobrimento que é o espírito da educação.

Enquanto educador, o que intriga é o processo com que facilmente os alunos fragmentam suas pesquisas, sem ter uma visão do todo. Eles reproduzem um modelo de ensino fragmentado em disciplinas desconexas, que ainda é tradicional na maioria dos cursos universitários do Brasil. Novamente, é responsabilidade dos professores a mediação para um modelo colaborativo de aprendizagem, no qual haja envolvimento de todos na construção desse conhecimento.

Segundo Baccega (2003, p. 09), “outro problema sério é considerar a educação, para os meios e para a comunicação, como um momento teórico, puramente. Ele é momento fundamentalmente prático, de intervenção social, de síntese mobilizadora e de permanente reorganização e iluminação da realidade”.

Deve-se refletir e considerar a importância da tecnologia como uma apropriação benéfica para a educação, de maneira a levar ainda a sua máxima responsabilidade, de fazer com que todo profissional na área de educação, além de saber manipular, tenha o olhar crítico de toda obra, investigue as suas particularidades e expresse o seu real valor com todos os indicativos almejados. É uma oportunidade de demonstração ética na pesquisa acadêmica. De utilização de informações na construção do conhecimento.

Educar para a comunicação pressupõe esforçar-se por compreender relações da comunicação com a sociedade e ter uma visão política e ética do mundo que queremos – uma visão utópica, pois como pensa Paulo Freire é preciso sonhar – que aponte para onde queremos ir enquanto sociedade e com qual modelo de educação.

5.2 Sugestões

Especificamente, sobre a instituição na qual foi conduzido o estudo, deve-se mencionar que a mesma tem em seu espaço físico, três laboratórios de informática – conhecidos como laboratório I, II e III, com um

deles (o laboratório III) acoplado a uma sala de comunicação junto ao estúdio de TV. Nesses laboratórios encontram-se 22 computadores no primeiro, 17 no segundo e 18 no terceiro. A biblioteca está separada do *campus*, por uma rua, em um prédio à parte. Na biblioteca, os alunos têm 07 computadores à sua disposição.

Enumeramos a seguir algumas ações que podem contribuir para o desenvolvimento do ensino universitário:

1) Com base nessas informações e na pesquisa realizada, sugere-se a colocação de professores monitores na biblioteca – durante todo o curso – para auxiliar os alunos nas pesquisas. Isso deve ser feito por meio de um projeto de iniciação científica, que colaborará não somente com os alunos da faculdade, mas toda a comunidade da região. Este projeto pretende dar autonomia para o acesso à informação e desenvolver habilidades para a obtenção do conhecimento.

2) O trabalho poderá ser desenvolvido baseado na interdisciplinaridade e de acordo com princípios éticos, que se traduzirão em conhecimentos de normalizações e aprendizagem colaborativa. A utilização adequada desses recursos tecnológicos e o desenvolvimento profissional e pedagógico dos professores ampliarão o diálogo com os alunos e, conseqüentemente, fluência comunicacional a estes em seu relacionamento com toda comunidade inserida na rede – Internet.

3) Outra sugestão é de ordem arquitetônica, ou seja, as escolas devem pensar suas bibliotecas e laboratórios como centros de informação e tecnologia, assim, aproximá-los dos alunos, transformando-os no coração da faculdade, dando-lhe mais “vida”.

A partir daí pulsar um movimento de transformação que deve partir de um projeto político-pedagógico com uma visão de clara de futuro, com alunos autônomos e capazes de contribuir com o desenvolvimento social e a produção de conhecimento científico.

4) Sugere-se um projeto de ensino/aprendizagem colaborativo, com a criação de um *website* para a publicação e pesquisa de artigos, textos de alunos da faculdade e de outras escolas. Uma ferramenta que possa ser inserida em seu universo, com informações relevantes para a formação desses novos autores.

O site poderia ser nominado de: <www.alunoautor.edu.br> ou <www.alunoautor.org.br>.

Certamente podemos entender que a tecnologia somente potencializa a sua obra. As informações lançadas de maneira ampla sobre todos os temas, não traduz com efetividade uma resposta almejada de forma coerente, onde credencia o seu valor. É preciso discriminar, ter o olhar crítico sobre o conjunto de toda obra.

5) Devemos refletir e considerar a importância da tecnologia como uma apropriação benéfica para a educação, de maneira a levar ainda a sua máxima responsabilidade, de fazer com que todo profissional na área de educação, além de saber manipular, tenha o olhar crítico de toda obra, investigue as suas particularidades e expresse o seu real valor com todos os indicativos almejados. É uma oportunidade de exercício ético na pesquisa acadêmica. De utilização de informações na construção do conhecimento.

É preciso entender que o ciberespaço oferece uma ampla possibilidade, no entanto há certas limitações, das quais podem ser facilmente adaptados à realidade, tais como alguns dos sentidos humanos, a investigação se torna mais desafiante quando do mesmo reconhecendo a sua grande importância como aprendizado.

Para isso é preciso que repensemos o espaço cultural que envolve toda a faculdade e sala de aula em relação aos meios de comunicação. A escola e a igreja já não monopolizam as informações e o conhecimento.

Saber pensar, esse tem sido um debate bem expressivo na atualidade e há muito tempo uma discussão para educadores, em que o pensamento tem atribuições de maior importância, antes das tecnologias. Se o conhecimento for adequado, os instrumentos serão utilizados de acordo com uma crítica seletiva, com compreensão dos fins a que se destinam tais tecnologias e quando são necessárias.

6) Enquanto educador, nos intriga o processo com que facilmente os alunos fragmentam suas pesquisas, sem ter uma visão do todo. Eles reproduzem um modelo de ensino fragmentado em disciplinas desconexas, que ainda é tradicional na maioria dos cursos universitários do Brasil. Novamente é responsabilidade dos professores a mediação para um modelo colaborativo de aprendizagem, onde haja envolvimento de todos na construção desse conhecimento.

Há todo um deslumbramento quando os alunos se deparam com o mundo virtual. Ao abrir uma página de internet se inicia uma relação de interatividade e os professores devem estar preparados, pois há um sério risco de dispersão, portanto Moran (1998, p.130) recomenda: “É importante sermos professores-educadores com um amadurecimento intelectual, emocional e comunicacional que facilite todo o processo de organização da aprendizagem”.

Ao reforçar o papel da educomunicação como área do conhecimento e entender o papel das tecnologias a seu favor, o que a educação pode fazer é provocar o questionamento quanto à posição ativa de seus discentes, para possibilitar a eles uma visão crítica e autônoma da sociedade. Ensinar a pensar continua sendo o grande desafio presente na educação, em qualquer tempo.

É este o esforço para pensarmos o futuro de nosso processo educacional, de mudarmos hábitos, pois certamente precisaremos estar cada vez mais preparados para a realidade de um mundo que se completa entre o real e o virtual. Mas não é possível pensar a educação no ensino

superior e a resolução de seus problemas, sem pensarmos na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

AZANHA, José Mário Pires. **Uma idéia de pesquisa educacional**. São Paulo: EDUSP, 1992.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação e cultura: a construção de significados. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 2, p. 151-156, maio/ago. 2005.

_____. Tecnologia e construção da cidadania. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 27, n. 7, p. 7-14, maio/ago., 2003.

_____. Meios de comunicação na escola. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 25, p. 7-15, set./dez., 2002.

BATISTA JR., Paulo Nogueira. Em defesa do livro. **Folha de São Paulo**, 29 set. 2005. Disponível em: <<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=233117>>. Acesso em: 08 jul.2007.

BENCINI, Roberta. Da informação ao conhecimento. **Nova Escola**, p. 16-21, jun./jul. 2002.

BIANCHETTI, Lucídio. **Dilemas do professor frente ao avanço da informática na Escola**. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/BTS/232/boltec232a.htm>> Acesso em: 22 jun. 2006.

BOETTCHER, Dulci. **Ciberespaço: o reencantamento da aprendizagem**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia. Disponível em: <<http://agenciact.mct.gov.br/index.php/content/view/43024.html>>. Acesso em: 08 jul. 2007.

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed. 2001.

BURNISKE, Richard W. **Literacia no ciberespaço**: Rio de Janeiro: Minion, 2002.

CANÁRIO, Rui. Reinventar a escola. **Educação**, São Paulo, v. 27, n. 234, p. 7-9, out. 2000.

CANDAU, Vera M. Universidade e formação de professores: que rumos tomar. In: CANDAU, V.M. (org.) **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 30-50.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAYUELA, Félix. Consciência filosófica e educação. **Revista Andragogia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, out./dez. 1976.

CESAR, Ricardo. Geração digital: os consumidores jovens vivem, se divertem e se relacionam online. **Revista Exame**. São Paulo, 875 ed. v. 40, n. 17, p. 22-30, 30 ago. 2006.

CITELLI, Adilson Odair. Meios de comunicação e educação: desafios para a formação de docentes. **UNIREvista**, v. 1, n. 3, p. 1-13, jul. 2006.

DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 3 ed. São Paulo: Cortez/Brasília: MEC/UNESCO, 1999.

DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. 3.ed. Campinas: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. **Cartas a Cristina.** São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Extensão ou comunicação?** 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida:** depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.

GOERGEN, Pedro. **A universidade em tempos de transformação.** Disponível em: <http://eee.prg.unicamp.br/Texto_univ_em_temp_trans_Pedro_Goergen.html>. Acesso em: 27 maio 2007.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Os meios de comunicação de massa na era da internet. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v.11, n.3, p. 373-378, set./dez., 2006.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 23, p. 57-70, jan./abr., 2002.

_____, Comunicação, Professor e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n.10, p. 57-68, set./dez., 1997.

GONDIM, Sônia Maria. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 299-309, 2002.

GUEDIN, Evandro. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GUEDIN, Evandro. **Professor**

reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

KHUN, Thomas. S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. A função do dogma na investigação científica. In: DE DEUS, Jorge Dias (Org.). **A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 53-80.

LÉVY, Pierre. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência.** São Paulo: Editora 34, 2001a.

_____. **O que é virtual.** São Paulo: Editora 34, 2001b.

LIMA, Paulo Gomes. **Tendências paradigmáticas na pesquisa educacional.** Artur Nogueira: Amil Editora, 2003.

LITTO, Fredric M. **Repensando a educação em função de mudanças sociais e tecnológicas e o advento de novas formas de comunicação.** Disponível em: <http://www.niee.ufrgs.br/ribie98/CONG_1996/CONGRESSO_HTML/CONF_1.HTML>. Acesso em: 20 ago.2006.

LOPES, Antonia Osima. Relação de interdependência entre ensino e aprendizagem. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Didática: o ensino e suas relações.** São Paulo: Papirus, 1996. p.105-126.

LUCENA, Carlos; FUKS, Hugo. **Professores e aprendizes na web: a educação na era da internet.** Rio de Janeiro: Clube do Futuro, 2000.

LUCENA, Marisa W. P. **Um modelo de escola aberta na Internet: o projeto Kidlink no Brasil.** 1997. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 9. ed. Campinas: Papirus, 2000. p. 133-173.

MATOS, Elizete; TORRES, Patrícia Lupion. **O Desafio social e a imaginação possível da gestão do conhecimento na era da informação.** Disponível em: <http://www.cibersociedade.net/congres2004/grups/fitxacom_publica2>. Acesso em: 07 jun. 2007.

MEDITSCH, Eduardo. Filosofia de Paulo Freire e práticas cognitivas no jornalismo. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 9, n. 27, p. 15-30, maio/ago. 2003.

MORAES, Denis de. Sociedade plugada: a tecnomitologia em tempo real. 27/3/2006. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/oinatv.asp>>. Acesso em: 22 maio 2006.

MORAIS, Regis de. **O que é ensinar.** São Paulo: EPU, 1986.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tcnologias e mediação pedagógica.** 9 ed. Campinas: Papirus, 2000. p. 11-66.

_____. **Mudanças na comunicação pessoal:** gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. Como utilizar a Internet na educação. **Ci.Info**, v. 26, n. 2, maio/ago. 1997.

_____. **Leituras dos meios de comunicação.** São Paulo: Pancast, 1993.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2000.

MORRONE, Fábio Ricardo M. **Educação e a Internet** – análise dos métodos de pesquisa dos alunos da graduação em direito da Unoeste. 2004. 87f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2004.

MOTA, Davide. A doença da cola virtual. **Educação**, São Paulo, v. 26, n. 226, p. 35, fev. 2000.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: D. Quixote, 1992. p. 15-34.

PERRENOUD, Philippe. **Novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIMENTEL, Maria da Glória. **O professor em construção**. Campinas: Papyrus, 1993.

POPPER, Karl R. A ciência normal e seus perigos. In: LAKATOS, Imre (Org.). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix, 1979. p. 63-71.

RIZZO, Sérgio. Mares nunca navegados. **Educação**, v. 8, n. 96, p. 34-37, abr. 2005.

_____. Maltraçadas linhas. **Educação**, v. 27, n. 240, p. 40-51, abr. 2001.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. SANTOS FILHO, José Camilo dos. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **As teorias da comunicação: da fala à internet**. São Paulo: Paulinas, 2003.

SARTORI, Ademilde S.; PRADO SOARES, Maria Salete. Concepção Dialógica e as NTICs: A Educomunicação e os ecossistemas comunicativos. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE. 5. Recife, set. 2005.
Anais eletrônico ... Disponível em:
<http://www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais>. Acesso em: 19 set. 2007.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SOARES, Ismar de O. **Alfabetização e educomunicação**. Disponível em:
<<http://www.direitoacomunicacao.org.br/novo/index.php>> Acesso em: 03 jun. 2007.

SOARES, Ismar de O. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 8, n. 23, pp. 16-36, jan./abr. 2002.

TEDESCO, Juan Carlos. **Sociologia da educação**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

TONDATO, Márcia Perencin; JACOB, Maria Marta; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. Control-C, control- V – a relação escola-Internet na construção do conhecimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

WEIL, Pierre. **A criança, o lar e a escola**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

WERNECK, Hamilton. **Tornei-me pessoa**: as cicatrizes fazem parte do passado. Petrópolis: Vozes, 1997.

WOLYNEC, Elisa. **Decisões estratégicas para a evolução das instituições universitárias**. Disponível em: <http://www.techne.com.br/artigos/decisões_estratégicas.htm>. Acesso em: 01 jun. 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE 1
QUESTIONÁRIO

Prof. Carlos Eduardo Duarte Peinado

3 MKT B – 28 pessoas responderam em 07/02/2007.

1. Quantos jornais você lê diariamente? Quais são?
2. Quantos livros você lê por mês? Você pode citar o nome dos últimos 5 livros que leu e quando foram lidos?
3. Qual livro lhe marcou positivamente? Que tipo de literatura você mais gosta?
4. Quantas revistas você lê regularmente? Assina alguma revista (s)? Qual (s)?
5. Você se lembra dos últimos 5 filmes que assistiu no cinema? Quando foi? Cite-os.
6. Você tem computador em sua residência ou no trabalho? Especifique.
7. Você costuma navegar na internet? Quanto tempo você disponibiliza para a internet por semana para uso/assunto pessoal?
8. Você utiliza quais sites geralmente para navegar? Cite 5 de sua maior preferência.
9. Qual meio você utiliza como fonte de pesquisas acadêmicas? Cite quantos achar necessário.
10. Gostaria de sugerir algo para melhorar nosso aproveitamento no curso?

Obrigado!

Pesquisa Qualitativa aos alunos selecionados

Total de 13 alunos – 3º semestre de Marketing I – ano 2007

A entrevista será gravada nos estúdios da Faculdade Maringá e registrada através de vídeo.

1. Você poderia nos dizer o seu nome, a série e o curso que frequenta?
2. Nossa conversa é sobre informação e conhecimento. O que é para você a chamada “Era da Informação”?
3. Quando você começou a estudar nesta faculdade foram apresentadas explicações sobre o processo de pesquisa, como pesquisar? Houve alguma informação dos professores sobre a utilização da internet? Sobre pesquisa na Internet?
4. Em termos de informação e de educação: que diferença há em pesquisar na internet, nos livros ou em revistas para você?
5. A internet é apontada como o veículo que mais transmite informações. O que você acha da internet para a educação e para a pesquisa?
6. Qual a importância da internet para você nos dias de hoje?
7. A internet contribui para sua aprendizagem? Você pode explicar isso? Lembra-se de alguma coisa interessante aprendida na internet? Fale-nos sobre essa aprendizagem?
8. Descreva a utilização da internet como ferramenta de pesquisa acadêmica? Como se dá esse processo? Como você utiliza a internet em suas pesquisas?
9. Como você faz seus trabalhos? Geralmente vai além do que foi pedido pelo professor?

10. Atualmente, tem algum assunto que desperta seu interesse? O que você está querendo aprender mais hoje? Onde você teve contato com esse assunto pela primeira vez?
11. Você costuma comprar livros, enfim, está fazendo sua biblioteca?

ANEXOS

ANEXO 1

**MODELO PARA SER UTILIZADO POR PROFESSORES
NA AVALIAÇÃO DE DOCUMENTOS DA WEB**

Avaliação de Documento Web

Nome do *Web* site que está sendo
avaliado:_____

URL do *Web* site que está sendo avaliado: http://

Acesso ao *Web* site

Via modem? 4.800 bps ___ 9.600 bps ___ 14.400 bps ___ 28.800 bps ___
33.600 bps ___ 56 kbps

Conexão direta? T-1, T-3, Outra:_____

Navegador:_____ *Netscape*:_____ *Internet Explorer*:_____
Outro (Nome:) _____

Parte I. *Ethos* – Autoridade

1. Quem criou a *Web* site?
2. A qual organização a pessoa é afiliada?
3. O nome do autor e /ou seu e-mail foram incluídos?
4. Há uma data da última atualização?
5. Se sim, a data é atual?
6. O domínio (isto é, edu, .com, .com, .gov) do site influencia sua avaliação?
7. A ortografia e gramática da página estão corretas?
8. você tem certeza de que a informação é exata e verdadeira?
9. O que você pode fazer para verificar a exatidão do documento?
10. Que tipos de fontes secundárias poderiam ajudar na avaliação

deste site?

Parte II. Logos – O Conteúdo

1. O Título da página indica seu conteúdo?
2. A finalidade da página é indicada na *homepage* ou em outro lugar?
3. Quando o documento foi criado e atualizado?
4. A informação é útil e significativa?
5. Teria sido mais fácil obter a informação em outro lugar?
6. A informação o levou a outros fontes que foram úteis?
7. A informação é atual?
8. A informação atualizada são importantes para a finalidade que você tem?
9. A informação parece ser tendenciosa?
10. A informação contradiz algo que você tenha achado em outro lugar?
11. As figuras completam o conteúdo da página?
12. Foi incluída uma bibliografia de fontes impressas ou *on-line*?

Parte III. Pathos – Os Aspectos Visuais (e Técnicos) do Web Site

1. As imagens visuais ajudam/prejudicam a página?
2. A página leva muito tempo para carregar?
3. Há títulos e subtítulos que ajudam na página?

4. O formato é padrão e legível em seu navegador?
5. A página contém uma imagem com *hotspots* (imagem com *hyperlinks* na qual se pode clicar)?
6. Se a exibição de imagens estiver desativada, há um texto alternativo para as imagens?
7. Nas páginas secundárias há um link para a *homepage*?
8. Os *links* são claramente visíveis, explicativos e fáceis de navegar?
9. Foi incluído um vídeo clipe ou um clipe de áudio?
10. Se sim, você pode estar seguro de que não foram editados?
11. Se não está seguro, você deveria aceitar a informação como válida?

Parte IV. Resumo Narrativo e Proposta de Critério de Avaliação. Olhando todos os dados que você coletou e os julgamentos que fez, discuta os critérios de sua avaliação deste Web site. Considere o *ethos*, *logos* e *pathos* do site e subsidie sua avaliação com exemplos específicos.

Extraído do livro do BURNISKE (2002, p. 116).

ANEXO 2
BIBLIOTECAS VIRTUAIS

Biblioteca Central

Localiza os livros das bibliotecas da UFRGS:

www.biblioteca.ufrgs.br

Biblioteca Digital de Obras Raras

Livros completos digitalizados, como um de Lavoisier editado no século 19:

www.obrasraras.usp.br

Biblioteca do Senado Federal

Sistema de busca nos 150 mil títulos da biblioteca:

www.senado.gov.br/biblioteca

Biblioteca Mário de Andrade

Acervo, eventos e história da principal biblioteca de São Paulo:

www.prefeitura.sp.gov.br/mariodeandrade

Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro

Especializada em literatura e língua portuguesa:

www.bibvirt.futuro.usp.br

Biblioteca Virtual – Literatura

Pretende reunir grandes obras literárias:

www.biblio.com.br

Conselho Federal de Biblioteconomia

Atualidades e links de interesse da área:

www.cfb.org.br

Conselho Regional de Biblioteconomia de São Paulo

Legislação e eventos de biblioteconomia:

www.crb8.org.br

Contos Completos de Machado de Assis

Mais de 200 contos de Machado de Assis:

www.uol.com.br/machadodeassis

Cultvox

Serviço que oferece alguns e-livros gratuitamente e vende outros:

www.cultvox.com.br

eBooksbrasil

Livros eletrônicos gratuitos em diversos formatos:

www.ebooksbrasil.com

iGLer

Acesso rápido a duas centenas de obras literárias em português:

www.ig.com.br/paginas/novoigler/download.html

Jornal da Poesia

Importante acervo de poesia em língua portuguesa, com textos de mais de 3.000 autores:

www.secrel.com.br/jpoesia

Mosteiro São Geraldo

Livros e periódicos sobre história e literatura húngara, filosofia, teologia e religião:

www.msg.org.br

UOL Biblioteca

Dicionários, guias de turismo e especiais noticiosos:

www.uol.com.br/bibliot

Usina de Letras

Divulga a produção de escritores independentes:

www.usinadeletras.com.br

Virtual Book Store

Literatura do Brasil e estrangeira, biografias e resumos:

www.vbookstore.com.br

Virtual Books Online

E-livros gratuitos em português, inglês, francês, espanhol, alemão e italiano:

<http://virtualbooks.terra.com.br>

Científicos:

Banco de Teses

Resumos de teses e dissertações apresentadas no Brasil desde 1987:

www.capes.gov.br

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

Textos integrais de parte das teses e dissertações apresentadas na USP:

www.teses.usp.br

Biblioteca Virtual em Saúde

Revistas científicas e dados de pesquisas sobre adolescência, ambiente e saúde:

www.bireme.br

SciELO

Biblioteca eletrônica com periódicos científicos brasileiros:

www.scielo.br

Universia Brasil

Busca teses nas universidades públicas paulistas e na PUC-PR:

www.universiabrasil.net/busca_teses.jsp

Estrangeiros:

Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas - Publicações indicadas e agenda de eventos da área:

www.apbad.pt

Biblioteca del Congreso

Item Expo Virtual mostra alguns tesouros dessa biblioteca argentina:

www.bcnbib.gov.ar

Biblioteca Digital Andina

Bolívia, Colômbia, Equador e Peru estão representados:

www.comunidadandina.org/bda

Biblioteca Nacional de Portugal

Apresenta páginas especiais com reproduções relacionadas a Eça de Queirós e a Giuseppe Verdi, entre outros:

www.bn.pt

Biblioteca Nacional de España

Entre as exposições virtuais, uma interessante coleção cartográfica do século 16 ao 19:

www.bne.es

Biblioteca Nacional de la República Argentina

Biblioteca, mapoteca e fototeca:

www.bibnal.edu.ar

Biblioteca Nacional de Maestros

Biblioteca argentina voltada para a comunidade educativa:

www.bnm.me.gov.ar

Biblioteca Nacional del Peru

Alguns livros eletrônicos, mapas e imagens:

www.binape.gob.pe

Biblioteca Virtual Galega

Textos em língua galega, parecida com o português:

<http://bvg.udc.es>

Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes

Cultura hispano-americana:

www.cervantesvirtual.com

Biblioteca Virtual Universal

Textos infanto-juvenis, literários e técnicos:

www.biblioteca.org.ar

[Educ.ar](http://www.educ.ar) Biblioteca Digital

Em espanhol, apresenta livros e revistas de "todas as disciplinas":

www.educ.ar/educar/superior/biblioteca_digital

Proyecto Biblioteca Digital Argentina

Obras consideradas representativas da literatura argentina:

www.biblioteca.clarin.com

Domínio Público:

www.dominiopublico.gov.br

Neste site você pode baixar uma série de livros e outros materiais (sons, imagens e vídeos) que já caíram em domínio público. Oficialmente a prioridade desse site (do governo/MEC) é manter conteúdo nacional. Mas podem ser encontradas obras importantes de autores "universais".